

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE

Kleber Eckert

**LEITURAS NATIVAS DE REGIÃO: AS RELAÇÕES DE REGIONALIDADE  
NO VALE DO TAQUARI, RS**

Caxias do Sul – RS

2009

Kleber Eckert

**LEITURAS NATIVAS DE REGIÃO: AS RELAÇÕES DE REGIONALIDADE  
NO VALE DO TAQUARI, RS**

Dissertação apresentada à Universidade de Caxias do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade.

Orientador: Prof. Dr. Rafael José dos Santos

Caxias do Sul – RS

2009

## RESUMO

O presente estudo dedicou-se a investigar como se constrói a representação da regionalidade no Vale do Taquari, por meio da análise de um conjunto de textos nomeados "Leituras Nativas de Região". A partir desses textos, foram analisadas as categorias de paisagem e população, as quais contribuem para que se identifique culturalmente o Vale do Taquari como uma região.

**Palavras-chave:** região - Vale do Taquari - paisagem - população - leituras

## **ABSTRACT**

This study devoted to investigate how we build the representation of regionality in the Taquari Valley, through analysis of a set of texts named “Leituras Nativas de Região”. The categories of landscape and population were analyzed from these texts, which contributed to identify the culture of the Taquari Valley as a region.

**Keywords:** region – Taquari Valley – landscape – population - readings

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>06</b>
<b>1 O ESPAÇO GEOGRÁFICO .....</b>	<b>14</b>
<b>1.1 Espaço e região .....</b>	<b>19</b>
<b>1.2 Preconceitos contra a região .....</b>	<b>31</b>
<b>1.3 As relações entre o regional e o nacional .....</b>	<b>32</b>
<b>1.4 A região do Vale do Taquari .....</b>	<b>42</b>
<b>2 A PAISAGEM DO VALE DO TAQUARI .....</b>	<b>46</b>
<b>3 A POPULAÇÃO DO VALE DO TAQUARI .....</b>	<b>58</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>84</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>89</b>

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como proposta estudar como se constrói a representação da regionalidade, tomando como objeto o Vale do Taquari, região situada na parte central do Rio Grande do Sul, que compreende uma área de 4.867,0 Km<sup>2</sup> (1,73% da área do Estado) com 320.788 habitantes (2,95% do Estado). A região situa-se às margens do Rio Taquari e afluentes e se estende entre os municípios de Arvorezinha (ao norte) e Taquari (ao sul), e entre os municípios de Sério e Progresso (a oeste) e Poço das Antas e Paverama (a leste)<sup>1</sup>.

Pensando em região, pode-se dizer que cada uma delas é conhecida e reconhecida por algumas características, que as diferenciam de outras regiões. Conforme Oliven (2006), uma reivindicação regionalista procura opor regiões entre si, pois pressupõe que cada uma delas é internamente homogênea e portadora de interesses comuns. Dessa forma, “o regionalismo aponta para as diferenças que existem entre regiões e utiliza essas diferenças na construção de identidades próprias” (OLIVEN, 2006, p. 22).

As características regionais que diferenciam as regiões podem ter relação com a história de sua colonização, a economia, os acidentes geográficos e também com o que se pensa e o que se escreve sobre determinada região, como, por exemplo, uma literatura de cunho regional.

---

<sup>1</sup> Perfil Socioeconômico do Vale do Taquari, publicado pelo Banco de Dados Regional do Centro Universitário UNIVATES. Disponível em [www.univates.br/bdr](http://www.univates.br/bdr). Acesso em 09 de novembro de 2007.

É nesse viés que a pesquisa ancorou-se à interdisciplinaridade, uma vez que o Programa de Pós-Graduação em que ela foi desenvolvida localiza-se entre a área de Letras e a Cultura Regional<sup>2</sup>. Houve, portanto, um diálogo entre a área de formação do pesquisador que é a de Letras, a Antropologia, a História, a Geografia e a Sociologia.

Estas últimas não se desvinculam dos estudos da linguagem. A língua faz parte da história de um povo, tanto é que ao estudar a história da imigração no Rio Grande do Sul, por exemplo, consideram-se os dialetos trazidos pelos imigrantes e as influências desses falares no português no Sul do Brasil; igualmente, as relações entre linguagem e Geografia, pois segundo Faraco (2005) a Dialectologia é o estudo de uma língua na perspectiva de sua variabilidade no espaço geográfico. Ainda, conforme este autor,

O fundamento da dialetologia é o fato de que a distribuição numa comunidade numa certa área geográfica é fator de diferenciação lingüística: cada ponto dessa área tem experiências sociais, históricas, culturais diferenciadas e isso tem repercussões na linguagem (FARACO, 2005, p. 179-179).

Outro ponto de contato são as relações entre linguagem e Sociologia, como é o caso da Sociolingüística, que segundo Faraco (2005, p. 184), ocupa-se do “estudo das correlações sistemáticas entre formas lingüísticas variantes (isto é, entre diferentes formas de dizer a mesma coisa) e determinados fatores sociais, tais como a classe de renda, o nível de escolaridade, o sexo, a etnia dos falantes”.

Além disso, conforme Paviani (2007),

A língua, como traço antropológico fundamental, e a literatura, como manifestação da totalidade dos saberes de um povo, de uma comunidade ou grupo, são fontes inesgotáveis de pesquisa sobre idéias, crenças, hábitos, comportamentos, valores, tipos de organização e de instituição, sonhos e desejos, sucessos e fracassos de uma cultura delimitada pela região [...] (p. 79-80).

---

<sup>2</sup> Em relação à expressão Cultura Regional, Paviani (2007, p. 82-83) afirma que ela “... não é a soma da associação de cultura mais região, mas o fenômeno da cultura delimitado por uma particularidade específica, particularidade que todas as formas de cultura necessariamente assumem antes de alcançar a dimensão de uma cultura nacional ou universal.”

Conforme afirmado anteriormente, o objeto de estudo foi a representação da regionalidade da região denominada Vale do Taquari, através da análise de obras paraliterárias de escritores locais, que enunciam a história da região. Estas obras, além de enunciarem a história do Vale do Taquari, já podem ser consideradas também, pensando em Pozenato (2003), uma interpretação da cultura daquela região.

O interesse por esse estudo teve seu início a partir da realização do Curso de Letras, pois em várias disciplinas relacionavam-se linguagem e sociedade, história e literatura, região e cultura. Isso se alia ao que Paviani (2007) considera importante no estudo de uma cultura regional: “Um dos aspectos mais relevantes de uma cultura regional é, sem dúvida, a expressão lingüística e literária em conexão com os estudos de história, de sociologia e de economia” (p. 79).

Além disso, ainda numa perspectiva interdisciplinar, Paviani considera que

As pesquisas no campo da imigração, da colonização, da sociolingüística e da dialectologia, acrescidas das manifestações literárias são material indispensável para o exame crítico da identidade e das diferenças que caracterizam uma região, no contexto nacional e internacional (2005, p. 88).

Mas que região é essa que foi colonizada por imigrantes açorianos, alemães e italianos, e seus descendentes? Que características essa diversidade rendeu à idéia de região? Como os habitantes do Vale do Taquari vêem a região? Como a população do Vale do Taquari é representada nos textos sobre a região? Nesta pesquisa, alguns desses questionamentos foram discutidos e respondidos.

Diante disso, o objetivo geral da pesquisa foi analisar as representações de região a partir de textos paraliterários de autores locais, selecionados em bibliotecas públicas e de escolas no Vale do Taquari. Como objetivos específicos, pretendeu-se fazer uma revisão conceitual sobre espaço, região e regionalidade; conhecer a história do Vale do Taquari sob uma perspectiva cultural, desde os primeiros habitantes da região, passando pela colonização açoriana, alemã e italiana, até a contemporaneidade; analisar o conteúdo dos textos paraliterários sobre a região a partir de categorias selecionadas.



Pensando nesses objetivos, o problema de pesquisa foi saber como são construídas simbolicamente as representações sociais de região que aparecem nos textos de escritores locais. Esse problema está relacionado ao estudo da idéia de região, pois Bourdieu (2000) afirma que a realidade é uma representação, e que o conceito de região é uma representação da realidade.

Esta pesquisa contribuiu, em primeiro lugar, para as discussões sobre região, regionalidade e cultura. Depois, trouxe novos conhecimentos sobre o Vale do Taquari à comunidade científica, uma vez que há poucos estudos sobre esta região, especialmente em nível de Pós-Graduação *stricto sensu*.<sup>3</sup>

A relevância social aparece na valorização das obras de escritores locais, pois são documentos do Vale do Taquari, ou seja, é uma parte da construção da memória da região. Embora tivessem todas apenas uma edição, essas obras encontram-se distribuídas em todo o Vale do Taquari, especialmente em escolas, bibliotecas públicas e na biblioteca do Centro Universitário UNIVATES.

Essas obras paraliterárias foram chamadas, nesta pesquisa, de “Leituras Nativas de Região”, pois são autores do Vale do Taquari cuja produção textual já é uma interpretação da cultura da região. O que se fez, neste caso, foi uma análise e uma “interpretação de interpretações” (Pozenato, 2003, p. 18). O *corpus* de análise, para este trabalho, foi composto pelos textos descritos abaixo.

O livro Nossas Origens, de Waldemar L. Richter, é um texto de 100 páginas publicado em 1994, que traz, nas palavras do autor “... uma coletânea de informações resumidas e de fácil leitura a respeito de nossas origens e de nossa história a partir da imigração.” É preciso citar que essas origens são as germânicas, pois essa informação não se encontra no título. Além disso, o texto é uma versão bilíngüe, vertida para o alemão pelo professor Wolfgang Collischonn.

A roda: memórias de um professor foi escrito por Friedhold Altmann e apresenta uma viagem autobiográfica de 196 páginas pela memória da vida pessoal

<sup>3</sup> Foi feito um levantamento junto aos Programas de Pós-Graduação nas áreas de Letras, História, Geografia, Sociologia e Educação de universidades como UFRGS, PUCRS, UNISINOS e UNISC, com o intuito de localizar as dissertações e/ou teses sobre a região do Vale do Taquari. Nesse intento, foram localizadas duas dissertações sobre o Vale do Taquari no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, e uma tese no Programa de Pós-Graduação em Educação, também vinculado à PUCRS.

e profissional do professor Altmann, desde a origem dos antepassados na Alemanha por volta da primeira metade do século XIX, até 1991, ano da publicação do texto.

Também vinculado à questão da educação, mas não de memórias pessoais como o texto acima, o livro Lajeado II: Apeuat – raízes do ensino superior resgata a história do ensino superior no Vale do Taquari, desde os primeiros movimentos na década de 50 até os primeiros anos de funcionamento dos cursos superiores em Lajeado, em fins da década de 60 e início dos anos 70. A publicação desse texto de 119 páginas, de autoria de José Alfredo Schierholt, ocorreu em 1995.

O livro História do Rio Taquari-Antas, de Gino Gerri, foi publicado em 1991 e em suas 319 páginas apresenta um resgate histórico da região a partir do Rio Taquari, desde seu nascimento, como Rio das Antas, no município de São José dos Ausentes, até a foz, junto ao Rio Jacuí. Além disso, o autor faz referência ao povoamento das cidades que fazem divisa com o rio, enfocando a importância desse elemento geográfico para o que denomina de Vale do Taquari.

O livro Vagando pelo Século, de Erny Stahlschmidt, foi publicado em 1994 e apresenta uma coletânea de crônicas que trazem à tona informações pitorescas sobre a vida do autor enquanto viveu na região do Vale do Taquari. Entre elas foram selecionadas as seguintes: “O Ensino, Fogão a gás, Saúde, Câmaras Mortuárias, Primeiros Automóveis em Lajeado”, através das quais se encontram informações sobre a população e sobre o Vale do Taquari.

Além das crônicas, foram selecionadas poesias e lendas sobre o Vale do Taquari. Entre as poesias estão O TAQUARI, de Dom Urbano Algayer; RIO TAQUARI, do Pe. Gustavo Locher; MEU BIÊNIO, de Nilo Ruschel; LENDÁRIO RIO TAQUARI e ENCHENTE DO RIO TAQUARI, de Gino Ferri. E as lendas são AMOR INDÍGENA, de Lauro Néelson Fornari Thomé e LENDA DO RIACHO ENCANTADO, de Gino Ferri. Esses textos encontram-se compilados no livro História do Rio Taquari-Antas, de Gino Ferri.

Outro conjunto de textos foi selecionado no acervo do jornal ‘O Informativo’, fundado em 08 de maio de 1970 e que se auto-intitula “O jornal de maior circulação no Vale do Taquari”. Entre esses textos, publicados entre 08 de maio de 1970 e 12

de dezembro de 1989, encontram-se editoriais, artigos de opinião, reportagens e textos menores como notas informativas e notícias.

E também como material de análise, mas com caráter complementar, foram realizadas quatro entrevistas, a saber: Waldemar L. Richter, autor do livro *Nossas Origens*; José Alfredo Schierholt, autor do texto *Lajeado II: Apeuat – raízes do ensino superior*; Gino Ferri, autor da obra *História do Rio Taquari-Antas*; Oswaldo Carlos van Leeuwen, sócio-fundador e atual Diretor Presidente do *Jornal 'O Informativo'*.

Em relação aos textos analisados, ressalta-se que foi tomado o cuidado para que se tivesse uma variedade de gêneros textuais, com o intuito de evitar uma visão da região do Vale do Taquari a partir de, apenas, um ou dois gêneros. Portanto, entre os textos já citados anteriormente, quanto ao gênero, destacam-se: narrativa histórica, narrativa de memórias, crônicas, poesias, lendas, editoriais, artigos de opinião, reportagens, notas informativas e entrevistas.

Quanto ao método de trabalho com essas leituras nativas de região, utilizou-se a Análise de Conteúdo de Bardin (2000), que tem pelo menos dois objetivos principais: o primeiro é a superação da incerteza, isto é, validar a leitura de um texto – o que se julga ver na mensagem estará efetivamente contido nela? O segundo é o enriquecimento da leitura: mostrar o que um olhar imediato sobre o texto não é capaz de fazer.

Para chegar a essa leitura mais aprofundada dos textos, definiram-se categorias que auxiliaram o pesquisador na análise das relações de regionalidade. Após uma leitura preliminar do *corpus*, as categorias selecionadas foram **paisagem** e **população**, pois elas possuem características que permitem, seguindo o raciocínio de Bardin (2004), ser classificadas como boas categorias.

Entre essas características temos a exclusão mútua, isto é, cada elemento do texto deve fazer parte de apenas uma categoria; a pertinência, que existe se uma categoria está adaptada ao material de análise e quando pertence ao quadro teórico de uma pesquisa; a produtividade: um conjunto de categorias é produtivo se fornece resultados férteis sobre o tema pesquisado (BARDIN, 2004, p. 113).

A escolha dessas duas categorias apoiou-se também no que Freyre (1996) defende em seu Manifesto Regionalista. Conforme o autor, quando se estudam a cultura brasileira e a natureza do Brasil do ponto de vista regional, devem ser estudados “o homem da mesma forma que a paisagem” (p. 51).

Ademais, a escolha encontra fundamentação no que Bezzi (2004, p. 76) postula no conceito de região, pois esta autora vê no conceito o pleno encontro do homem (cultura) com o meio ambiente (natureza) e que, portanto, a região se materializa a partir dessa relação. Em outras palavras, significa que a região se materializa a partir da relação entre a paisagem e a ação da população sobre essa paisagem.

Ainda quanto à Análise de Conteúdo, pode-se dizer que ela possui uma função heurística, que ajuda a aumentar as descobertas à medida que se lê um texto, e uma função de administração de prova: hipóteses serão testadas ou validadas a partir da presença de provas existentes no texto. É uma técnica

que fornece informações suplementares ao leitor crítico de uma mensagem, seja este lingüista, psicólogo, sociólogo, crítico literário, historiador, exegeta religioso ou leitor profano desejando distanciar-se da sua leitura aderente, para saber mais sobre esse texto (BARDIN, 2004, p. 127).

A Análise de Conteúdo é uma técnica de pesquisa que trabalha com uma descrição objetiva e sistemática do conteúdo das comunicações, cuja finalidade é a interpretação dessas comunicações. As categorias anteriormente definidas, quais sejam, população e paisagem são “...uma espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem” (BARDIN, 2004, p. 32).

A categorização é a classificação dos elementos de um conjunto por diferenciação e/ou reagrupamento. O critério de categorização pode ser semântico (por temas ou categorias temáticas), sintático (por verbos e adjetivos), lexical (pelo sentido das palavras e seus sinônimos) e expressivo (pelas perturbações da linguagem) (BARDIN, 2004, p. 111). No caso da presente pesquisa, o critério adotado foi o semântico, que é a categorização dos elementos do texto em dois temas ou categorias temáticas: paisagem e população.

Para proceder à categorização por temas, o primeiro passo é isolar os elementos à medida que os textos são lidos e, a partir de então, separá-los e sistematizá-los. Bardin (2004, p. 113) afirma que esses procedimentos são comparados à separação de materiais em caixas: escolhem-se as categorias e repartem-se os elementos presentes no texto.

É exatamente essa categorização que aparece no segundo e terceiro capítulos deste trabalho, em que foram verificados e analisados os elementos que pertencem às categorias de paisagem e população nos textos do *corpus*. Inicialmente deu-se atenção ao Rio Taquari como elemento fundamental da paisagem de uma região e ao espaço geográfico da região como vale. Após, houve a análise da população do Vale do Taquari, desde os indígenas, passando pela colonização açoriana, alemã e italiana, até a atuação da população na contemporaneidade em áreas como vivência comunitária e educação.

Ainda quanto à estrutura do trabalho, tem-se, no primeiro capítulo, uma discussão dos conceitos de espaço e de paisagem a partir de textos da Geografia. A essa discussão ancorou-se o conceito de região, cujo surgimento deu-se nos trabalhos dos geógrafos. No entanto, avançou-se para além da Geografia, pois o conceito de região, neste trabalho, é entendido como uma representação social, e é a partir dessa visão que o Vale do Taquari foi estudado. Também neste capítulo, além de apresentar a região do Vale do Taquari, discutiram-se as relações entre o que é regional e o que é nacional.

## 1 O ESPAÇO GEOGRÁFICO

Quando se inicia um estudo sobre uma região, a primeira relação a ser estabelecida é com a noção de espaço geográfico, pois o conceito de região é muitas vezes usado como sinônimo de espaço. É o que também se encontra dicionarizado, pois a palavra região é definida como “1. vasta extensão de terreno 2. grande extensão de terreno ou território dotado de características que o distinguem dos demais”.<sup>4</sup>

Da mesma forma, Ortiz (1999) afirma que há uma forte tradição nas Ciências Sociais de se pensar o espaço numa relação com o meio físico. E por isso explica o espaço como

uma territorialidade dilatada, composta por feixes independentes mas que se juntam, se superpõem, à medida que participam da mesma natureza [...]. Essa perspectiva muda radicalmente nossa concepção de espaço, tradicionalmente vinculada ao território físico (ORTIZ, 1999, p. 65).

Na mesma linha de raciocínio, ao trazer à tona a discussão do conceito de espaço na ciência geográfica, Santos (2002, p. 19) defende a idéia de que é preciso uma definição clara de um conceito, pois podem existir muitos exemplos para demonstrar o que é o espaço, mas haverá ainda a falta da explicação sobre o conceito de espaço.

---

<sup>4</sup> Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

O autor, através da sua obra, passa por três definições de espaço geográfico. Num primeiro momento<sup>5</sup>, ele constrói a Geografia a partir da consideração do espaço como um conjunto de fixos e fluxos. Os elementos fixos seriam o que está fixado em cada lugar e que permitem ações que modificam o próprio lugar. Já os fluxos seriam o resultado de ações que, ao instalar-se nos fixos, acabam por modificar suas significações e seu valor. No entanto, apesar de nessa relação se estabelecer um espaço geográfico, o autor afirma que “... hoje os fixos são cada vez mais artificiais e mais fixados ao solo; os fluxos são cada vez mais diversos, mais amplos, mais numerosos, mais rápidos” (2002, p 62).

Uma segunda<sup>6</sup> possibilidade de trabalho com o espaço geográfico é o trabalho com a configuração territorial e as relações sociais. Neste caso, a configuração territorial se dá num conjunto formado pelos sistemas naturais de uma área territorial juntamente aos acréscimos impostos pelo homem a esses sistemas naturais. À medida que avança a ação do homem, “cria-se uma configuração territorial que é cada vez mais o resultado de uma produção histórica e tende a uma negação da natureza natural, substituindo-a por uma natureza inteiramente humanizada” (SANTOS, 2002, p. 62).

Finalmente, numa publicação mais recente, o autor conceitua o espaço como “um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações” (2002, p. 21) e defende a idéia de que a história se dá num quadro único, formado por um conjunto indissociável, solidário e contraditório de sistemas de objetos e de ações. Mas para compreender essa definição é preciso ter claros os conceitos de sistema, de objetos e de ações.

Um sistema pode ser uma combinação de elementos reunidos de maneira a formar um conjunto, e dentro desse conjunto teríamos os objetos e as ações. Os objetos geográficos podem ser objetos naturais (uma floresta, um lago, um rio, uma montanha, etc.) e objetos artificiais, chamados também de técnicos (uma cidade, uma barragem, uma ponte, um porto, etc.). Como ação entende-se a atuação do homem sobre os objetos, tanto os naturais quanto os artificiais ou técnicos.

---

<sup>5</sup> A primeira definição aparece no texto “O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo”, publicado em 1978 pela Hucitec.

<sup>6</sup> Essa discussão aparece em “Metamorfoses do Espaço Habitado”, publicado em 1988 pela Hucitec.

O espaço dinamiza-se e transforma-se através da interação entre os sistemas de objetos e sistemas de ações: “de um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes” (SANTOS, 2002, p. 63).

Os exemplos de objetos citados podem ser tanto do domínio da Geografia Física quanto da Geografia Humana. Através da maneira como foram produzidos e mudam, as duas vertentes se encontram. Ainda numa terceira vertente, a chamada Geografia Social, não se consideram objetos e ações separadamente, pois são as ações que dão sentido aos objetos. Daí a aproximação entre a Geografia e a Sociologia.

Como o tema da Geografia não é tomar separadamente objetos e ações, mas objetos e ações em conjunto, Santos (2002, p. 94) defende que, quanto mais eficaz for uma ação, mais adequado será o objeto, e vice-versa. Dessa forma chega à conceituação de espaço geográfico como um híbrido, pois é o resultado da não separação entre sistemas de objetos e sistemas de ações.

Já o conceito de paisagem é usado como sinônimo de configuração territorial, como um conjunto de elementos (naturais e artificiais) que caracterizam uma área fisicamente e como parte da configuração territorial que pode ser abarcada pela visão (SANTOS, 2002, p. 103).

Numa perspectiva temporal, a paisagem é vista como uma construção transversal, pois agrega objetos passados e presentes. Por outro lado, o espaço situa-se numa construção horizontal, porque é uma situação única, é presente. Por ser um sistema material, a paisagem é imutável, já o espaço, por ser um sistema de valores, transforma-se permanentemente (SANTOS, 2002, p. 103-104).

O autor apresenta uma imagem para mostrar as diferenças entre os conceitos de paisagem e espaço:

Durante a guerra fria, os laboratórios do Pentágono chegaram a cogitar da produção de um engenho, a bomba de nêutrons, capaz de aniquilar a vida humana em uma dada área, mas preservando todas as construções. O Presidente Kennedy afinal renunciou a levar a cabo esse projeto. Senão, o



que na véspera seria ainda o espaço, após a temida explosão seria apenas paisagem (SANTOS, 2002, p. 106).

O autor pergunta se se pode pensar numa relação dialética entre sociedade e paisagem ou entre sociedade e espaço. A partir dessa reflexão conclui que apenas existe a dialética entre sociedade e espaço, pois a sociedade age sobre ela própria, e jamais sobre a materialidade exclusivamente.

Pode-se cotejar a discussão entre paisagem e espaço feita por Santos (2002) ao que Certeau (1994) apresenta entre lugar e espaço. Este autor define um lugar como a ordem, segundo a qual, nas relações de coexistência, elementos são distribuídos. “Os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar próprio e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade” (CERTEAU, 1994, p. 201).

Enquanto o lugar implica uma indicação de estabilidade, o espaço é um cruzamento de móveis: vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço

é de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais (CERTEAU, 1994, p. 202).

O autor conclui a comparação entre lugar e espaço, afirmando que “...o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres” (CERTEAU, 1994, p. 202). Se tomarmos a região do Vale do Taquari a partir desse prisma, a região existe como lugar desde que se configurou geograficamente como um vale cortado por um rio. Mas a região só se torna espaço a partir da ocupação pelo ser humano: povos indígenas e depois colonizadores açorianos, alemães e italianos.

Da mesma forma como Santos (2002) explica o espaço como um híbrido, a partir da interação entre sistemas de objetos e sistemas de ações, Certeau (1994) remete a oposição entre lugar e espaço a dois tipos de determinações nas

narrativas: objetos e operações. No *corpus* que é analisado nesta pesquisa, podemos estabelecer uma relação entre esses dois tipos de determinações e as categorias de análise: paisagem e população. Certeau (1994) afirma que os objetos é o que seriam no fim das contas reduzíveis ao *estar aí* (grifos do autor), enquanto as operações seriam as ações dos sujeitos históricos. Portanto, se os objetos são reduzidos ao *estar aí* (grifos meus), o mesmo se pode dizer da paisagem, e as operações são a ação da população sobre essa paisagem.

A partir das narrativas ou os relatos que organizam lugares de Certeau (1994), podemos citar as Leituras Nativas de Região, objeto de análise desta pesquisa, pois são textos que selecionam os lugares e os reúnem num só conjunto, o que forma os percursos de espaços. “Vendo as coisas assim, as estruturas narrativas têm valor de sintaxes espaciais” (CERTEAU, 1994, p. 199). O que se escreve sobre o Vale do Taquari pode ser visto dessa forma, pois a região em foco é um espaço sobre o qual os escritores debruçaram-se e o que escreveram organiza o próprio espaço.

As Leituras Nativas de Região poderiam ser, pensando em Certeau (1994), com sua sutil complexidade, nossos transportes coletivos, isto é, o que nos leva de um lugar a outro pelo menos metaforicamente. “Todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço” (CERTEAU, 1994, p. 200). Além disso, “os relatos efetuam portanto um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares. Organizam também os jogos de relações mutáveis que uns mantêm com os outros” (CERTEAU, 1994, p. 203).

O mesmo autor dá importância aos relatos de espaço ao afirmar que eles têm poder distributivo e força performativa – realizam o que dizem – e são fundadores de espaços. Certeau (1994) afirma ainda que

onde os relatos desaparecem [...], existe perda de espaço: privado de narrações (como se constata ora na cidade, ora na região rural), o grupo ou o indivíduo regride para a experiência, inquietante, fatalista, de uma totalidade informe, indistinta, noturna (p. 209).

Já numa outra instância, ao discutir a relação entre o espaço e a noção de totalidade, Santos (2002) apresenta duas versões. A primeira busca reunir todos os

elementos que definem uma região ou um país, e procura alinhar todos os fatores possíveis de uma dada situação local. O problema dessa definição é que o lugar acaba sendo visto como se fosse autocontido e os fatores considerados não são vistos como o que eles realmente são: um sistema.

A segunda versão tem a ver com a noção de sistema-mundo, o que leva à idéia de totalidade-mundo. Para conhecer o todo devem ser conhecidas as partes, e, para conhecer as partes, deve ser conhecido o todo. No entanto, para chegar à verdade total, é preciso “reconhecer o movimento conjunto do todo e das partes, através do processo de totalização” (SANTOS, 2002, p.120).

Portanto, se o todo é o mundo e a parte é o lugar, teremos uma relação entre o universal e o individual. Aquilo que faz a mediação entre o individual (lugar) e o universal (mundo) é a região, pois uma região é composta por vários lugares.

### 1.1 Espaço e região

Etimologicamente, o termo ‘região’ apresenta um parentesco com a palavra terra, pois na versão latina, encontra-se a palavra ‘região’ como *region/regionis* e também *terra/terrae*. No Dicionário Etimológico Nova Fronteira, por exemplo, aparece a origem latina do termo *region/regionis*, com um significado de grande extensão de terreno ou território que se distingue dos demais por possuir características próprias.

Já Bourdieu (2000) explica a etimologia da palavra região a partir da descrição feita por Emile Benveniste. *Regio* veio de *rex* – autoridade que demarcava e decidia as fronteiras na época do Império Romano, isso quer dizer que a região (na origem), cuja divisão era feita por vontade de alguém, possui uma conotação política.

Este acto de direito que consiste em afirmar com autoridade uma verdade que tem força de lei é um acto de conhecimento, o qual, por estar firmado, como todo o poder simbólico, no reconhecimento, produz a existência daquilo que enuncia (BOURDIEU, 2000, p. 114).

Isso significa que esse discurso regionalista é um discurso performativo, isto é, constrói a realidade que ele designa. Portanto, voltemos à origem do termo região: resultado de um discurso do autor “que pretende fazer sobrevir o que ele enuncia no próprio ato de o enunciar” (BOURDIEU, 2000, p. 116), pois este autor tem a autoridade para fazê-lo.

É o que se pode perceber no Vale do Taquari, pois esse espaço é resultado da divisão do Estado do Rio Grande do Sul em regiões, em 1994, com a criação dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento – COREDES<sup>7</sup>. Essa decisão política, no entanto, levou em conta um critério geográfico, no caso a bacia hidrográfica do Rio Taquari, e por isso aparece o conteúdo espacial no próprio nome: Região do Vale do Taquari (KLARMANN, 1999).

Santos (2002) discute o conceito de evento na Geografia e chega a fazer uma divisão entre eventos naturais e eventos sociais ou históricos. No primeiro grupo ele coloca a queda de um raio, um terremoto entre outros, e no segundo a chegada de um trem, um comício e outros do gênero.

Ao olhar para a região do Vale do Taquari a partir do conceito de evento, há, de um lado, o Rio Taquari e os acidentes do relevo como eventos naturais, e, de outro, a delimitação político-geográfica desta região como um evento histórico ou social, uma vez que resulta de um ato político de divisão territorial.

O evento que definiu a região do Vale do Taquari foi resultado das forças que são capazes de incidir sobre áreas extensas. Uma dessas forças é o Estado, cuja “norma pública age sobre a totalidade das pessoas, das empresas, das instituições e do território” (SANTOS, 2002, p.152).

A chamada Geografia Crítica, de acordo com Bezzi (2004), vê no Estado um importante agente na estruturação dos recortes regionais. Por isso a autora entende que

... o conceito de região tem um forte caráter político e ideológico, que permeia as diversas abordagens, nas quais o papel do Estado atua como agente de regionalização, ou seja, como ele organiza, rearranja ou

---

<sup>7</sup> Lei Estadual nº 10.283, de 17 de outubro de 1994, que dispõe sobre a criação, estruturação e funcionamento dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento e dá outras providências.

desorganiza os recortes regionais de acordo com a ótica do capital, do poder e da sociedade (BEZZI, 2004, p. 45).

Apesar de a origem da palavra região estar ligada a uma conotação política e de poder, a Geografia tem trabalhado com o conceito de Região Natural, isto é, uma porção territorial que combina elementos da natureza como o clima, a vegetação, o relevo e a hidrografia (KLARMANN, 1999). Para Paviani (2007), no entanto, “a região é muito mais que uma realidade natural, mas que, igualmente, tampouco pode ser considerada apenas uma artificialidade” e “o conceito de região, antes de delimitar fronteiras, é um espaço socialmente construído e, portanto, um espaço não necessariamente homogêneo” (p. 90-91).

Para Bezzi (2004) a região tampouco é considerada uma realidade natural, pois

as regiões não são resultado fortuito de uma seqüência de eventos independentes em uma porção da superfície da Terra. Elas são formadas por uma seqüência historicamente determinada, que se desenvolve a partir das relações sociais específicas (p. 69).

Na elaboração do conceito de região, Pozenato (2003) também deixa claro que por região “não fique entendida uma realidade *natural* (grifos do autor), mas uma rede de relações, em última instância, estabelecida por um *auctor* (grifos do autor), seja ele um cientista, um governo, uma coletividade, uma instituição ou um líder separatista” (p. 152). Para o pesquisador, a região é “um feixe de relações a partir do qual se estabelecem outras relações tanto de proximidade quanto de distância” (p. 157).

Pozenato (2003) desloca ainda a questão da região para a da regionalidade, isto é, numa perspectiva “o foco é centrado na descrição e análise de um objeto dado como sendo uma região e não, numa outra perspectiva, na análise de um conjunto, ou rede, de relações que tenham o caráter de regionalidade” (p. 151). Assim, “A existência de uma rede de relações de tipo regional num determinado espaço ou acontecimento não os reduz a espaços ou acontecimentos puramente regionais. Serão regionais enquanto vistos em sua regionalidade (p. 151).

Cunha (2000) aproxima-se do conceito de região defendido por Pozenato (2003) ao afirmar que

A globalização torna mais complexos os processos de regionalização e algumas alternativas e possibilidades do conceito de região passam pela consideração da região – enquanto fração do espaço geográfico catalizadora de determinadas relações e convenções – como um ator social fundamental na transformação de comunidades regionais e locais (CUNHA, 2000, p. 07).

Outro autor que se aproxima desta conceituação de região é Fonseca (1999), pois ele concorda com as posturas contemporâneas de discussão do conceito de região que

... propõem a substituição do conceito de região pelo de rede, vista como mais adaptada à globalização, pois as redes pressupõem articulações funcionais através de pontos de confluência de informação, capital, idéias, pessoas e mercadorias oriundas de espaços próximos e longínquos (FONSECA, 1999, p. 90).

Na mesma linha de raciocínio, Bezzi (2004) afirma que na Nova Geografia “a região deixou de ser um fenômeno único para ser parte de um sistema aberto, que se comunica, que tem conexões, que se expande e se contrai, segundo as necessidades de ajustamento às novas condições” (p. 48). Por isso a autora defende que a região deve ser vista pela perspectiva sistêmica, em que se interligam aspectos físicos, humanos e econômicos, para que assim todos esses aspectos “possam constituir a realidade concreta que se materializa num determinado espaço que se denomina região” (p. 83).

Para Santos (2002), o conceito de região é de difícil explicação. O que ele deixa claro é que qualquer definição possui uma estreita ligação com as formas de produção em vigor em certo período da história. O que se pode concluir é uma conceituação não natural de região, e sim uma conceituação histórico-produtiva ou histórico-econômica.

Neste viés, a região do Vale do Taquari, além do aspecto natural, marcado pela Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, teria uma conceituação histórico-produtiva,

ligada aos imigrantes (açorianos, alemães e italianos) e seus descendentes e a suas formas de produção (pequena propriedade rural).

Em relação a essa discussão, Bezzi (2004) afirma que

a Geografia Crítica interessa-se pela análise dos modos de produção e das formações socioeconômicas como base para a explicação ou estruturação das distintas formações socioeconômicas espaciais, que devem ser analisadas e compreendidas para o melhor entendimento das regiões (p. 50).

Bezzi (2004) deixa claro que o conceito de região se liga ao próprio surgimento da Geografia como ciência, pois a região foi, por muito tempo, o seu objeto de estudo por excelência. A autora, então, discute o conceito de região na Geografia e afirma que ele não se restringe às pesquisas dessa área. A pesquisadora chama a atenção para o uso do conceito por outras áreas do conhecimento, ou seja, aquelas que têm interesse pela condição espacial da sociedade, e acentua seu caráter multidisciplinar: “... inúmeras pesquisas são desenvolvidas por diferentes cientistas sociais, preocupados com manifestações regionais e também pelos regionalismos em suas distintas áreas de conhecimento” (p. 41).

De maneira semelhante, Bourdieu (2000) aborda o conceito de região como um objeto de luta entre cientistas e tece um paralelo entre os geógrafos e os economistas. Para o autor, a Geografia prende-se ao que vê (ao físico, à paisagem), enquanto a Economia deve prender-se ao que não vê; a Geografia limita-se à análise do conteúdo do espaço, enquanto a Economia vê a região como recebedora de provisões e “escoadora” de produção, isto é, numa relação de interdependência com outras regiões; a primeira olha pouco para além das fronteiras políticas ou administrativas da região e considera a localização das atividades da região como um fenômeno espontâneo e comandado pelo meio natural, enquanto a segunda olha para as relações comerciais que promovem a interdependência entre regiões, além de introduzir nos estudos um instrumento de análise particular: o custo.

Bourdieu (2000) não deixa de incluir na luta das ciências pela definição legítima de região a Sociologia. Ele afirma que o interesse dos sociólogos no tema

da região parece coincidir com o aparecimento dos movimentos regionalistas e conclui que o interesse desses cientistas reside no transregional e no transnacional. Segundo o autor, os estudos regionais dos geógrafos são pesquisas detalhadas e aprofundadas de um espaço determinado, só que não compreendem os fenômenos que levam ao progresso ou ao declínio das regiões estudadas. E aí aparecem os estudos dos economistas e dos sociólogos.

É preciso, no entanto, compreender que Bourdieu refere-se apenas a uma vertente da geografia, que é a Geografia Física, cuja idéia de região tem a ver com um espaço natural. Pozenato (2003) traz à tona a outra vertente, a Geografia Humana que

define os espaços regionais também com critérios objetivos, fornecidos pela História, pela Etnologia, pela Linguística, pela Economia, pela Sociologia. Como nem sempre esses critérios coincidem, é possível falar de uma região histórica, região cultural, região econômica e assim por diante, com fronteiras distintas no mesmo território físico (p. 150).

Se olharmos para a região do Vale do Taquari, teremos dentro de um mesmo território uma região colonizada por descendentes de imigrantes açorianos, outra por alemães e outra por italianos. Levando em conta critérios econômicos, teremos uma região com predominância da agricultura familiar e outra com desenvolvimento industrial. Além disso, no mesmo território nomeado de Vale, existem planícies inundáveis e uma cadeia de elevações que se estendem ao planalto gaúcho. Portanto, o fato de não haver coincidência de critérios para definir os espaços regionais, mostra que dentro de uma região como o Vale do Taquari há várias regiões, dependendo do ponto de vista adotado, ou seja, “as regiões delimitadas em função dos diferentes critérios concebíveis [...] nunca coincidem perfeitamente” (BOURDIEU, 2000, p. 115).

Bezzi (2004) também discute os critérios para a delimitação das regiões, e os vê como um problema, pois “a falta de um critério definidor levou à diversidade de estudos regionais. Tal multiplicidade conceitual foi responsável pela ausência de consenso sobre o que constitui uma região ou como se define uma região” (p. 76).



Ainda sobre as fronteiras regionais, Bourdieu (2000) menciona a dificuldade de sustentar a idéia de que existem classificações naturais de regiões, e que sejam separadas também por fronteiras naturais. “A fronteira nunca é mais do que o produto de uma divisão a que se atribuirá maior ou menor fundamento da realidade, segundo os elementos que ela reúne” (p. 114). E acrescenta: “A fronteira, esse produto de um acto jurídico de delimitação, produz a diferença cultural do mesmo modo que é produto desta (p. 115).

Assim como nas fronteiras regionais, processo semelhante ocorre com as fronteiras nacionais, pois

Assim como o Estado-nação procura delimitar e zelar por suas fronteiras geopolíticas, ele também se empenha em marcar suas fronteiras culturais, estabelecendo o que faz e o que não faz parte da nação. Através desse processo se constrói uma identidade nacional que procura dar uma imagem à comunidade abrangida por ela (OLIVEN, 2006, p. 20).

Ao falar das conseqüências da globalização que levam ao fim do território e à idéia de não-lugar, Santos (2002) questiona se, nessa vertente, inclui-se a negação da idéia de região, uma vez que não há nenhum subespaço que consiga fugir da globalização. Na mesma linha de pensamento, poderia se afirmar que “a expansão do capital hegemônico em todo o planeta teria eliminado as diferenciações regionais e, até mesmo, proibido de prosseguir pensando que a região existe” (p. 246).

Como os eventos comandados pelo processo de globalização são rápidos, o que altera rapidamente as diferenças regionais,

a região tornou-se uma noção paradoxal: esvaziou-se como conceito empiricamente útil para explicar as diferenças, mas permaneceu como vocábulo indicativo de um recorte espacial tomado para determinado fim analítico (CASTRO, 2002, p. 03).

Na evolução do pensamento sobre a região, Santos (2002) afirma que há relações globais que não se realizariam sem o suporte das regiões e que por isso mesmo não se pode deixar de considerar que a região “... continua a existir, mas com um nível de complexidade jamais visto pelo homem” (p. 247).

Embora se pensasse que os processos de globalização da economia e de mundialização da cultura fizessem o nacional e o regional perderem importância, o que se tem visto, segundo Oliven, (2006, p. 12) é o oposto, pois justamente por causa desses processos a discussão do nacional e do regional tem recebido mais destaque. O autor “discute a questão do renascimento da tradição e do sentimento nacional e regional numa época em que o mundo é visto cada vez mais como uma aldeia global” (OLIVEN, 2006, p. 12).

Bezzi (2004) apresenta a mesma linha de raciocínio, ao afirmar que a globalização não tem conseguido suprimir a diversidade espacial e que talvez nem a tenha diminuído. A autora considera que a identidade cultural persiste e que a globalização não a destrói, pelo contrário, até mesmo a reforça. A justificativa apontada pela pesquisadora é a manifestação dos regionalismos em várias partes do mundo.

Conforme Oliven (2006, p. 35), a discussão em relação à nação e à tradição permanece atual, pois, apesar de o mundo tornar-se uma aldeia global, as pessoas continuam nascendo num determinado país, e, dentro dele, em determinada região. Além disso,

a criação de manifestações culturais mundializadas não significa que as questões locais estão desaparecendo. Ao contrário, a globalização torna o local mais importante do que nunca. Como podemos nos situar no mundo, a não ser a partir do nosso próprio território, por mais difícil que seja defini-lo? (OLIVEN, 2006, p. 206)

Ainda numa relação entre o local e o universal, Paviani (2007, p. 82) defende que, através do conceito de região, liga-se o que é local, individual e isolado ao que é universal. A região possui, então, para este autor, uma função mediadora, pois liga as experiências individuais de cada lugar às manifestações da cultura universal.

Segundo Castro (2002), que retoma e discute a região como problema para o geógrafo Milton Santos, o conceito de região está situado no paradigma chamado Geografia Crítica. A partir dessa tendência, a economia política e os diferentes modos de produção passaram a influenciar fortemente a interpretação do espaço.

Essa visão torna, então, “inseparáveis as noções de sociedade e o processo histórico de produção” (CASTRO, 2002, p. 02).

Na mesma linha de análise, Castro (2002) afirma que as reflexões de Milton Santos foram afetadas por dois cenários: o primeiro seria o da crise da Geografia Clássica que coincidiu com uma forte rediscussão do conceito de região; o segundo teria a ver com as intensas diferenciações espaciais num mundo globalizado, que teria sido afetado pelo avanço tecnológico e pela competitividade.

As reflexões da Geografia Crítica trazem um novo olhar para a região como categoria de análise:

Como problema epistemológico, a região é tomada como recorte espacial de reprodução da totalidade; como problema empírico, ela é vista como expressão das diferenças entre os lugares, diferenças estas provocadas pelos eventos comandados pela globalização, e constitui recorte espacial funcional às formas de produção (CASTRO, 2002, p. 02).

Cunha (2000) discute o conceito de região e apresenta três grandes domínios em que a noção de região está presente. O primeiro refere-se à linguagem do senso comum, ligado a noções de localização e extensão (a região mais próspera, a região montanhosa, etc.) em que há diversidade de critérios e pouca precisão nos limites. É o que se percebe em Ferri (1991, p. 116): “... percorreram o território, especialmente às margens do rio Taquari, entrando em contato com os indígenas, para efetuar um levantamento da região a fim de estudar a possibilidade de fundar uma redução...”.

O mesmo ocorre em outra passagem: “... quando foram doadas as sesmarias a diversas famílias, na região do vale do rio Taquari” (FERRI, 1991, p. 126), e em “O que realmente me cativou foi a mentalidade, o jeito de ser e de falar das pessoas, não só das de Lajeado, como também daquela região, com as quais me senti em casa” (ALTMANN, 1991, p. 105).

No segundo domínio a região é uma unidade administrativa, em que a divisão regional existe para que possa ocorrer o controle da administração dos Estados. É o que ocorreu na divisão do Estado do Rio Grande do Sul em regiões, por ocasião da criação dos Conselhos de Desenvolvimento Regionais, pois o decreto assim

estipula: “Os Conselhos Regionais de Desenvolvimento, pessoas jurídicas de direito privado, organizar-se-ão sob a forma de associações civis, sem fins lucrativos, tendo cada qual a seguinte denominação e abrangência territorial: [...] XXI – Vale do Taquari”.<sup>8</sup>

E o terceiro seria o das ciências em geral, cuja noção de região associa-se à idéia de localização de determinados fenômenos. Conforme descrição realizada por Ferri (1991, p. 151): “As alturas pluviométricas médias anuais, na região da bacia do rio Taquari, variam, [...] entre 1.300 a 1.400 milímetros”. Ou ainda quando trata do fenômeno dos ventos: “A direção predominante dos ventos, na região da bacia do rio Taquari, varia de Sudeste a Nordeste” (p. 151).

Fonseca (1999) discute o conceito de região na Geografia e afirma que concomitantemente ao fortalecimento de decisões em nível planetário, percebe-se um retorno às decisões e estratégias locais e regionais. O autor, nesse contexto, valoriza uma abordagem evolutiva do conceito de região e, dessa forma, apresenta cinco definições, a saber: região singular, região como classe de áreas, região de capital, região de poder e região de vivência.

1) Região singular: os estudos surgem no final do século XIX, especialmente na Alemanha e na França. Na Alemanha, com os estudos de Friedrich Ratzel, o conceito de destaque era o de região natural, cuja existência “estava vinculada ao poder que a natureza exercia sobre o homem, chegando ao ponto de determinar o seu comportamento” (FONSECA, 1999, p. 90-91). Essa explicação da realidade regional foi criticada pelo francês Vidal de la Blache, que “partia do princípio de que a natureza oferece possibilidades para que o homem, através de sua cultura e técnicas, interfira na natureza, elaborando uma região geográfica singular” (FONSECA, 1999, p. 91).

2) Região como classe de áreas: a partir da década de 50 do século passado, a região passa de “um objeto concreto de análise para se transformar numa criação intelectual, definida a partir de procedimentos classificatórios, originários nas ciências naturais” (p. 92). É o período em que a região é uma *classe de área* (grifos

---

<sup>8</sup> Lei Estadual nº 10.283, de 17 de outubro de 1994, que dispõe sobre a criação, estruturação e funcionamento dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento e dá outras providências.

do autor) e quando há destaque para explicação de padrões espaciais através de teorias de localização e de desenvolvimento regional.

3) Região de capital: nessa perspectiva, a região estaria fundada na economia e no capital, devido à dinâmica da acumulação capitalista desigual e combinada. No entanto, a região, diante dessa dinâmica, “acabou por aprisionar a escala regional e também as dimensões políticas e culturais” (p. 95).

4) Região de poder: é o aspecto político, segundo o autor, muitas vezes omitido pelas análises regionais, que representa um importante papel na dinâmica das regiões. É um jogo de interações em que as forças políticas influenciam a região e são igualmente influenciadas por ela. Essas forças políticas estão, conforme o autor, atreladas ao poder que “não é inerente somente ao estado, mas também a grupos individuais e coletivos” (p. 96).

5) Região de vivência: é o que o autor chama de via alternativa para o entendimento da questão regional, em que se busca a identificação do lugar por uma dimensão psicológica do indivíduo. Há, nesse ponto, uma valorização subjetiva da região, pois há uma percepção de região diferente por parte de cada indivíduo. A região é um espaço de vivências cujas realidades regionais possuem componentes administrativos, históricos, ecológicos, econômicos e, especialmente, psicológicos. “A região seria, dessa forma, resultante de múltiplos processos, nos quais a dimensão psicológica tem um papel relevante” (p. 93).

Podemos estabelecer uma aproximação entre região de poder e região de vivência (FONSECA, 1999) ao que Bourdieu (2000, p. 107-108) nomeia de região, pois para este autor, a região é uma representação social. Isso significa que a região é também uma representação simbólica.

As representações sociais são entidades quase tangíveis e se realizam continuamente através de palavras em nosso cotidiano, e o conceito de região é uma delas. Segundo Moscovici, “as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros” (2003, p. 08).

Além disso, “no que se refere à realidade, as representações são tudo o que nós temos, aquilo a que nossos sistemas perceptivos [...] estão ajustados” (MOSOVICI, 2003, p. 32), pois organizamos os nossos pensamentos conforme um sistema, condicionado, por um lado, pelas nossas representações, e, por outro, pela nossa cultura.

As representações sociais possuem duas funções principais:

- a) Convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas (MOSCOVICI, 2003, p. 34).
- b) ...são prescritivas, isto é, elas se impõem sobre nós como uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado (2003, p. 36).

Diante dessas funções, as representações sociais exercem pressão sobre nós, pois, mesmo sabendo que elas não são nada mais que idéias, elas existem como se fossem realidades inquestionáveis, pois o seu poder “deriva do sucesso com que elas controlam a realidade de hoje através da de ontem e da continuidade que isso pressupõe” (MOSCOVICI, 2003, p. 38).

Quanto à criação dessas representações, Moscovici (2003, p. 40-41) afirma que em qualquer interação humana, elas ocorrem, seja entre duas pessoas ou entre dois grupos. Essas pessoas e esses grupos criam as representações à medida que se comunicam e que cooperam. E que “uma vez criadas, contudo, elas adquirem vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem”.

Moscovici (2003) afirma que as representações devem ser observadas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos. Por isso elas são fenômenos que precisam ser descritos e explicados. As representações que criamos, de uma nação ou de uma região “são sempre o resultado de um esforço constante de tornar comum algo que é incomum” (p. 58).

É o que ocorre com a nomeação do vale do Rio Taquari como “o terceiro vale mais fértil do mundo” (FERRI, 1991, p. 56). Ao ser nomeado, o vale adquire certas características e tendências; torna-se distinto de outros vales, através dessas características; e torna-se objeto de uma convenção entre os que adotam e partilham a mesma convenção (MOSCOVICI, 2003, p. 67).

Moscovici (2003) ainda afirma que fazem parte das representações sociais as questões referentes ao conhecimento popular e ao conhecimento cultural, e que a cultura desempenha um importante papel na formação das representações sociais, que estão “relacionadas ao pensamento simbólico e a toda forma de vida mental que pressupõe linguagem” (p. 307).

## **1.2 Preconceitos contra a região**

Paviani (2007) discute a essência da cultura a partir do regional e afirma que toda cultura é, na sua gênese, regional. Sobre isso, conclui que

A região faz-se de relações culturais que por natureza são tecidas por uma série de momentos interculturais, como diferenças de valores e costumes. Nessas relações põe-se em conflito o tradicional e o moderno. A região é uma primeira manifestação de um processo cultural, no qual os aspectos culturais formam uma totalidade (PAVIANI, 2007, p. 91).

Diante da defesa dessa idéia, o autor ainda chama a atenção dos preconceitos que obscurecem o conceito de região e afirma que “não se pode pensar o regional como sendo algo inferior, como acontece com aqueles que confundem o regional com o provincial” (p. 89), pois “tudo o que é provincial está presente no regional, mas o regional jamais poderá se limitar às armadilhas do provinciano” (p. 90).

Também Pozenato (2003, p. 156) traz à tona a discussão dos preconceitos contra a região. O autor afirma que a palavra carrega consigo certo estigma, pois a Geografia a tem tratado como um espaço delimitado por fronteiras, o que deixa a região como um espaço fechado dentro de limites territoriais. Além disso,

A essa idéia de espaço com fronteiras fechadas soma-se a idéia de que a região é um espaço periférico em relação ao centro. A Geografia, mas principalmente a Economia, deram ao centro um estatuto científico. O centro polariza, em decorrência de suas funções, um determinado espaço que se hierarquiza segundo seu maior ou menor grau de acesso às funções centradas na metrópole. Ao redor do centro gravita o interior, a província, a periferia. [...] Esse estigma que o *centro* (grifos do autor) imprime sobre a *província* (grifos do autor) repercute em todas as representações que se façam de região (POZENATO, 2003, p. 156).

O autor conclui sua reflexão dizendo que, com a atual tecnologia das comunicações, devemos pensar a região dentro de novos parâmetros, pois “ela deixa de ser um espaço isolado entre fronteiras e dependente de um centro, para se tornar apenas um complexo de relações inserido numa rede sem fronteiras” (POZENATO, 2003, p. 157).

### **1.3 As relações entre o regional e o nacional**

Ao abordar o tema da cultura nacional como comunidade imaginada, Hall (2006) mostra a preocupação com a identidade cultural nacional e questiona como o processo de globalização está afetando ou deslocando essas identidades culturais nacionais. Ainda segundo o autor, nossa identidade cultural é constituída pela cultura nacional, dentro da qual nascemos. Embora essa identidade não esteja impressa em nossos genes, nós pensamos nela como se fosse parte de nossa natureza essencial.

Hall (2006, p. 48) afirma que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação”, pois uma nação – acrescenta-se aqui também a região – parece não ser apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos, isto é, um sistema de representação cultural, um sistema de representação simbólica.

O autor ainda afirma que uma nação é narrada como uma comunidade imaginada, pois “as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações” (HALL, 2006, p. 50). O



mesmo se poderia dizer de uma região, pois, no caso da presente pesquisa, têm-se autores que narram a região como uma comunidade imaginada, unida pelo Rio Taquari, como um elemento geográfico e simbólico que identifica a região, e pela população que compõe a região do Vale do Taquari.

Se, como defende Hall (2006, p. 50), “uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”, então uma cultura regional também é um discurso. Os escritores que enunciam uma história da região do Vale do Taquari igualmente constroem sentidos que mostram, por exemplo, uma determinada concepção de população dessa região.

Em outra passagem, Hall (2006) defende que

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a nação, sentidos com os quais podemos nos *identificar* (grifos do autor), constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias, que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (p. 51).

A citação de Hall poderia ser parafraseada, substituindo o nacional pelo regional, e, igualmente, haveria sentidos com os quais as pessoas se identificam e constroem sua identidade. As leituras nativas de região, objeto de análise desta pesquisa, contam histórias sobre a região do Vale do Taquari e conectam, por isso, o presente ao passado da região.

Isso se torna mais explícito no livro “A Roda”, de Friedhold Altmann (1991), em cujo prefácio o autor justifica a escrita da obra, ao afirmar que “... o fiz consciente de que uma certa época da história do estado e do país estava caindo aos poucos em esquecimento” (p. 13).

Além disso, ao contar um pouco da história do povo, o autor declara: “Para tanto, abordei usos, costumes, a cultura geral e as escolas em especial, tudo dentro da política de âmbito regional, nacional e suas relações com os grandes acontecimentos internacionais também” (ALTMANN, 1991, p. 13).

Bezzi (2004) compreende a região como um foco de identificação cultural, pois ela é constituída por indivíduos que a habitam e que, por conseqüência, deixam nela as marcas da sua cultura. Dessa forma, a região “é apropriada e vivida por seus habitantes e diferencia-se das demais, ou seja, o espaço fornece a identidade do grupo social nela existente” (BEZZI, 2004, p. 62). A autora conclui que se a região é estudada numa perspectiva cultural, então se manipula um código de significações que nela está representado.

Bezzi (2004, p. 67) ainda afirma que “pertencer a uma determinada região, à sua cultura, passa pela atribuição de uma identidade a um grupo social, cuja base pode estar na própria especificidade do espaço no qual ele se reproduz”.

Em relação à identidade cultural, especialmente no que se refere à construção das identidades, Oliven (2006, p. 34) afirma que “as primeiras vivências e socializações culturais são cruciais para a construção de identidades sociais, sejam elas étnicas, religiosas, regionais ou nacionais”.

Segundo Hall (2006, p. 49), “a lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional”. Atualmente, no entanto, quando mais avançam as discussões sobre os processos de mundialização da cultura, tanto mais se coloca a discussão da identidade nacional formada a partir das identidades regionais.

Sobre esse tema, Oliven (2006) posiciona-se da seguinte maneira:

Esse processo de mundialização da cultura, que dá a impressão de que vivemos numa aldeia global, acaba repondo a questão da tradição, da nação e da região. À medida que o mundo se torna mais complexo e se internacionaliza, a questão das diferenças se recoloca e há um intenso processo de construção de identidades. Se a unificação nacional ocorrida no passado se mostrou contrária à manutenção de diversidades regionais e culturais, o mundo está em parte assistindo justamente a (*sic*) afirmação das diferenças (p. 208-209).

As identidades regionais são apresentadas por Bezzi (2004) conotativamente, pois para a autora

... o mundo é uma 'colcha de retalhos', cujos tecidos (regiões) a serem 'costurados' apresentam rugosidades diferentes. Assim, os 'laços e laçadas' que são dados podem ser visíveis ou invisíveis, reais ou imaginários, mas possuem características próprias que, embora enlaçadas a outras, guardam sua identidade, sua particularidade, sua personalidade (p. 82).

Sobre a contrariedade da nação em relação às identidades regionais, Oliven (2006) afirma que desde os anos trinta do século passado, se tem verificado no Brasil um crescimento da centralização econômica, política e administrativa e, em consequência disso, a unificação do país e o enfraquecimento do poder regional e estadual. Com a chegada dos militares ao poder em 1964, regiões e estados perderam ainda mais força, pois o governo central promoveu maior integração do mercado nacional, com a implantação de redes de estradas, de telefonia e de comunicação de massa.

Sobre o posicionamento dos estados-nação em relação à diversidade regional, Oliven (2006) afirma que

Nos últimos 200 anos presenciou-se a formação de estados-nação baseados na idéia de uma comunidade de sentimentos e de interesses que ocupa um território delimitado e cujas fronteiras geográficas e simbólicas precisam ser cuidadosamente preservadas. O estado-nação tende a ser contrário à manutenção de diferenças regionais e culturais, exigindo uma lealdade à idéia de país (p. 207).

Oliven (2006) cita a queima das bandeiras dos estados, ordenada pelo então Presidente Getúlio Vargas, em 1935, como um fato que marca a centralização do poder nacional. Segundo o autor, "a queima das bandeiras, que marca no nível simbólico uma maior unificação do país e um enfraquecimento do poder regional e estadual, pode ser vista como um ritual de unificação da nação sob a égide do Estado" (2006, p. 53).

Na época da redemocratização do Brasil, década de 1980, Oliven (2006) aponta um abundante processo de constituição de novos atores políticos e a construção de novas identidades sociais. Entre elas estão as identidades regionais, representadas pelo renascimento das culturas regionais.

A afirmação de identidades regionais no Brasil pode ser encarada como uma reação a uma homogeneização cultural e como uma forma de salientar diferenças culturais. Essa redescoberta das diferenças e atualidade da questão da federação numa época em que o país se encontra bastante integrado do ponto de vista político, econômico e cultural sugerem que no Brasil o nacional passa primeiro pelo regional (OLIVEN, 2006, p. 57-58).

Atualmente, segundo Oliven (2006), há um forte retorno ao tema do nacionalismo e do regionalismo em vários lugares do mundo. “Nesse processo, a tradição tem uma presença marcante e constitui um pano de fundo de movimentos ligados à construção de diferentes identidades sociais” (p. 12-13). Há, portanto, tendências que clamam pela “afirmação de identidades regionais e estaduais que salientam suas diferenças em relação ao resto do Brasil” (OLIVEN, 2006, p. 10).

Um exemplo que o autor cita é o Rio Grande do Sul, que é “um caso de regionalismo constantemente evocado, atualizado e repostado em situações históricas, econômicas e políticas novas” (2006, p. 13). Ainda sobre o Rio Grande do Sul, Oliven (2006) diz:

o gauchismo é um caso bem sucedido de regionalismo, na medida em que consegue veicular reivindicações políticas que seriam comuns a todo um estado. A continuidade e vigência desse discurso regionalista indicam que as significações produzidas por ele têm uma forte adequação às representações da identidade gaúcha (p. 90).

Além disso, Oliven (2006, p. 43) afirma que “nas décadas de vinte e trinta do século XX, vários intelectuais passaram a se interessar na organização social e política brasileira, especificamente no que diz respeito a como pensar as regiões num país de dimensões continentais como o Brasil”. Entre esses intelectuais, o autor cita Monteiro Lobato (com a publicação de *América*, em 1931) e Gilberto Freyre (com o *Manifesto Regionalista*, publicado pela primeira vez em 1952<sup>9</sup>).

No *Manifesto Regionalista*, Freyre (1996) defende a idéia de que outros regionalismos devem se juntar ao que ele chama de regionalismo nordestino<sup>10</sup> e que, com essa junção, ter-se-ia um movimento organicamente brasileiro. Isso não

<sup>9</sup> Embora apenas publicado em 1952, o *Manifesto Regionalista* foi lido pelo autor no Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo, realizado em fevereiro de 1926 na cidade de Recife-PE (FREYRE, 1996, p. 47).

significa que haja um espírito de separatismo ou bairrismo, o que ocorre é a defesa da tese que a organização do Brasil em Estados deveria ser substituída pela organização em regiões, que “... se completem e se integrem ativa e criadoramente numa verdadeira organização nacional” (p. 49).

Ainda sobre a organização territorial do país, Freyre (1996, p. 50) afirma que “com a República [...] as Províncias foram substituídas por Estados que passaram a viver em luta entre si ou com a União” e que essa falta de organização resulta do

fato de que as regiões vêm sendo esquecidas pelos estadistas e legisladores brasileiros, uns preocupados com os ‘direitos dos Estados’, outros, com as ‘necessidades de união nacional’, quando a preocupação máxima de todos deveria ser a de articulação inter-regional. Pois de regiões é que o Brasil, sociologicamente, é feito, desde os primeiros dias. Regiões naturais a que se sobrepuseram regiões sociais (FREYRE, 1996, p. 50).

Sobre essa passagem, Oliven (1996, p. 45) afirma que a idéia do Manifesto era uma “proposta de reorganização do país visando consolidar a sociedade brasileira [...] através de um modelo político-administrativo calcado na região enquanto elemento constitutivo de nação”, pois conforme Freyre (1996, p. 51) “o conjunto de regiões é que forma verdadeiramente o Brasil. Somos um conjunto de regiões antes de sermos uma coleção arbitrária de Estados”.

Em outras palavras, segundo Oliven (2006, p. 46), “o que Freyre está afirmando é que o único modo de ser nacional num país de dimensões como o Brasil é ser primeiro regional”.<sup>11</sup>

Essa idéia pode ser explicitada a partir de uma passagem do texto “A Roda” de Friedhold Altmann (1991), quando o autor relata o que ocorrera numa noite de

---

<sup>10</sup> O autor vê o Nordeste como região e, num recorrente elogio, afirma que muitos dos valores nordestinos já se tornaram nacionais, não por causa do poder econômico da indústria açucareira, mas por sedução moral e fascinação estética. “O Nordeste tem o direito de considerar-se uma região que já grandemente contribuiu para dar à cultura ou à civilização brasileira autenticidade e originalidade” (FREYRE, 1996, p. 52). Além disso, o autor afirma que o Brasil é combinação, fusão, mistura. “E o Nordeste, talvez a principal bacia em que se vêm processando essas combinações, essa fusão, essa mistura de sangue e valores que ainda fervem” (p.72). São valores que, segundo o autor, vêm se transformando em valores brasileiros.

<sup>11</sup> Reflexão semelhante é feita por Oliven (2006) quando discute a identidade do gaúcho. Conforme o autor “o que ocorre no Rio Grande do Sul parece estar indicando que atualmente só se chega ao nacional através do regional, ou seja, para seus habitantes só é possível ser brasileiro sendo gaúcho antes” (p.14).

apresentações artísticas de diversas escolas, por ocasião do encerramento de uma semana de atividades pedagógicas.

Um após outro se excediam nas apresentações de orações à bandeira e poesias patrióticas. Muito se ouvia sobre o nosso pavilhão, o mais lindo do mundo, assim como sobre o nosso céu e suas estrelas, as nossas matas e as nossas flores e bravura da nossa gente. Veio a minha vez. Expliquei que iria tentar homenagear o Brasil através da apresentação de valores culturais do gaúcho. Apresentei o primeiro número. A assistência vibrou, depois de tanto patriotismo falado (ALTMANN, 1991, p. 78).

A reflexão de que regionalismo não quer dizer separatismo reaparece quando Freyre (1996) defende que o Brasil deve ser administrado regionalmente, mas sob uma só bandeira e um só governo. O mesmo aparece quando se fala em estudar a cultura brasileira, que

regionalmente deve ser estudada, sem sacrifício do sentido de sua unidade, a cultura brasileira, do mesmo modo que a natureza; o homem da mesma forma que a paisagem. Regionalmente devem ser considerados os problemas da economia nacional e os de trabalho (FREYRE, 1996, p. 51).

Da mesma forma, Pozenato (2003, p. 14) afirma que a unidade cultural é importante para a existência e a sobrevivência de uma nação, mas que “a unidade cultural do país só será enriquecida com a soma das diversidades regionais e locais” (p. 15).

Sobre essa relação entre o local e o nacional, Ortiz (1999) afirma que

Quando nos referimos ao ‘local’, imaginamos um espaço restrito, bem delimitado, no interior do qual se desenrola a vida de um grupo ou de um conjunto de pessoas. Ele possui um contorno preciso, a ponto de se tornar baliza territorial para os hábitos cotidianos. O ‘local’ se confunde assim com o que nos circunda, está ‘realmente presente’ em nossas vidas. Ele nos reconforta com sua proximidade, nos acolhe com sua familiaridade. [...] O nacional pressupõe um espaço amplo. Embora seu território seja também fisicamente determinado, seus limites são fixos, sua extensão é mais dilatada. A ele se agrega ainda uma historicidade, dimensão às vezes esquecida quando nos reportamos ao local (p. 58-59).

Ortiz (1999) conclui seu raciocínio ao afirmar que, “em relação ao ‘local’, o ‘nacional’ se impõe por sua unicidade, mesmo sabendo que ela se atualiza de maneira diferenciada nos diversos contextos. [...] O ‘nacional’ engloba, portanto, os ‘locais’, contrastando com sua diversidade” (p. 59).

A relação entre o nacional e o regional aparece em algumas passagens das Leituras Nativas de Região. Um exemplo é o que Schierholt (1995) apresenta sobre as origens do ensino superior no Vale do Taquari, que nesta passagem, referem-se ao ano de 1964: “O período conturbado que o Brasil estava vivendo em nada influenciou nos ânimos dos que procuravam assentar as bases do ensino universitário no Vale do Taquari” (p.17).

Ainda na junção de esforços para a implantação de cursos universitários na região do Vale do Taquari, Schierholt (1995) resgata o contato de políticos locais com políticos da esfera federal:

Um novo momento histórico então se manifestou na força política, como fator decisivo, pois graças à interferência do Partido Social Democrático, sob a presidência do vereador Ney Santos Arruda, e do deputado federal Daniel Faraco, junto ao Ministério da Educação, Tarso Dutra, a trajetória estava rumando para uma solução definitiva (p. 34).

Já com seu início consolidado, o ensino superior na região mantém relações com o poder nacional, pois “data histórica foi 14 de abril de 1969 [...], quando o ministro da Educação, Tarso Dutra, visitou a cidade de Lajeado, para proferir a Aula Magna do primeiro curso universitário no Vale do Taquari” (SCHIERHOLT, 1995, p. 45).

Além disso, o que se percebe na passagem anterior é que o ensino superior não veio para o município de Lajeado, apesar de ser a sede da faculdade, e sim para o Vale do Taquari. Também se pode ressaltar a importância da vinda do Ministro da Educação (que interviu na criação do *campus* universitário), pois a data é adjetivada de histórica.

Sobre um ciclo de palestras promovido pelo Centro Acadêmico dos cursos universitários, então já em funcionamento, que tinha como tema ‘O Desenvolvimento

do Vale do Taquari', Schierholt (1995) destaca que "o referido ciclo chegou à conclusão de que os governos federal e estadual não estavam atendendo as reivindicações da região" (p. 49).

Também em Editorial publicado no Jornal 'O Informativo', em 02 de novembro de 1974, faz-se referência ao mesmo tema. Numa reunião entre os prefeitos do Vale do Taquari, discutiu-se o desejo da região em receber uma das secretarias do governo do Rio Grande do Sul, pois, conforme a publicação, "... o nosso Vale tem se preocupado só em trabalhar, sem, em momento algum, lembrar-se que a ele também compete o direito de participar mais diretamente na construção do Rio Grande do Sul" (p. 04).

Discurso semelhante é apontado por Oliven (2006) em relação às queixas do Rio Grande do Sul em relação ao Brasil. Segundo este autor, o discurso da crise e da marginalização do Estado é constantemente reatualizado na história do Rio Grande do Sul.

Outro exemplo da relação entre o regional e o nacional encontra-se no texto de abertura da obra "Nossas Origens", de Richter (1994), que foi redigido pelo professor Dr. Arthur Blasio Rambo. Conforme este professor,

A diversidade étnica, cultural e lingüística não se constitui num empecilho na construção de uma nacionalidade. Pelo contrário. O respeito, o apreço e a aceitação do outro, do diferente, sem querer destruir-lhes a identidade, representa o pressuposto para o êxito na construção de uma sociedade integrada e solidária. Todo e qualquer esforço neste sentido constitui-se no mais autêntico ato de patriotismo (RICHTER, 1994).

A idéia defendida pelo professor é reiterada por Richter (1994) que, na introdução de seu texto, defende que um país como o Brasil é feliz, pois o povo é formado por muitas e diferentes etnias. Isso permite que se infira que a diversidade é vista positivamente para a construção de uma nação.

Da mesma forma, o desenvolvimento da nação a partir da diversidade étnica é referido por Altmann (1991) quando narra a instituição do dia 25 de julho como 'Dia da Imigração Alemã'. Segundo o autor,



Os governos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, depois também do Paraná, haviam declarado o 25 de julho, dia da imigração alemã, como feriado estadual, com o nome de Dia do Colono, para assim homenagear os imigrantes em geral e de todas as etnias que tinham vindo contribuir para o desenvolvimento do Brasil (ALTMANN, 1991, p. 60).

Em outras passagens do texto “A Roda”, de Altmann (1991), existe uma estreita relação entre as festas da imigração e o instinto de nacionalidade, isto é, homenageavam-se os imigrantes através de elementos brasileiros: “Em homenagem ao colono imigrante, a estação tinha hasteado a bandeira do Brasil” (1991, p. 72). Sobre as festas do Dia do Colono, “as nossas aproximadamente quinhentas escolas evangélicas, distribuídas pelo Rio Grande e Santa Catarina, eram centros das programações. E eu me sentia uma pequena pedrinha nessa obra gigantesca, grandiosa e patriótica” (ALTMANN, 1991, p. 61).

Em relação à diversidade e às tradições regionais, Freyre afirma que “a consciência regional e o sentido tradicional do Brasil vem desaparecendo sob uma onda de mau cosmopolitismo e de falso modernismo. É todo o conjunto da cultura regional que precisa ser defendido e desenvolvido” (1996, p. 75). Segundo Oliven, (2006, p. 48), “o autor do Manifesto constrói uma oposição que em última análise se resume a: popular e regional equivalem a tradicional (e bom), ao passo que cosmopolitismo equivale a moderno (e ruim)”.

Sobre a preservação das tradições regionais em museus, Freyre (1996, p. 57) escreve que deseja “... um museu regional cheio de recordações das produções e dos trabalhos da região e não apenas de antiguidades ociosamente burguesas”. Ainda sobre a preservação da cultura regional, o autor defende a preservação da culinária. Em relação à culinária nordestina, especialmente de alguns pratos, explica que está sob ameaça de desaparecer por causa da influência estrangeira. Se, então, a tradição culinária está em declínio ou em crise, isso faz com que Freyre afirme que “uma cozinha em crise significa uma civilização inteira em perigo: o perigo de descaracterizar-se” (1996, p. 65).

#### 1.4 A região do Vale do Taquari<sup>12</sup>

A região recebeu o nome de Vale do Taquari pois se situa às margens do Rio Taquari, que a corta de norte a sul, e seus afluentes. Composta por 37 municípios<sup>13</sup>, possui 4.867,0 Km<sup>2</sup> de área (1,73% da área do estado) e 320.788 habitantes (2,95% do estado - Estimativa FEE 2006).

Na história do povoamento e colonização da região, em 1764 foi fundada Taquari com a chegada dos primeiros imigrantes açorianos. Em 1856, quando era fundada a Colônia Estrela, chegavam os primeiros imigrantes alemães e, em fins do século XIX, teve início a colonização italiana, completando o processo de formação étnico-cultural da região. Antes disso, porém, Schierholt (1992, p. 13) afirma que viviam na região os índios ibiaiaras, pertencentes à tribo indígena “Ibiaçá”<sup>14</sup>.

Do ponto de vista lingüístico, portanto, embora não se tenham dados resultantes de pesquisas científicas da região como um todo, pode-se afirmar que o Vale do Taquari apresenta uma riqueza quanto à diversidade lingüística. Entre essa diversidade, podem ser citados os dialetos trazidos pelos colonizadores alemães e italianos, que ainda hoje são falados no interior dos municípios que compõem a região.

Atualmente, a região do Vale do Taquari se insere num contexto em que predominam comunidades organizadas em torno de minifúndios que se ocupam com produção agrícola e pecuária. Estas comunidades, nos últimos anos, têm induzido a criação de novos municípios com uma população de cerca de 2.000 habitantes.

---

<sup>12</sup> Os dados que serão apresentados a seguir sobre a região do Vale do Taquari são baseados no Perfil Socioeconômico do Vale do Taquari, publicado pelo Banco de Dados Regional do Centro Universitário UNIVATES. Disponível em [www.univates.br/bdr](http://www.univates.br/bdr). Acesso em 09 de novembro de 2007.

<sup>13</sup> Anta Gorda, Arroio do Meio, Arvorezinha, Bom Retiro do Sul, Canudos do Vale, Capitão, Colinas, Coqueiro Baixo, Cruzeiro do Sul, Dois Lajeados, Doutor Ricardo, Encantado, Estrela, Fazenda Vilanova, Forquetinha, Ilópolis, Imigrante, Lajeado, Marques de Souza, Mato Leitão, Muçum, Nova Bréscia, Paverama, Poço das Antas, Pouso Novo, Progresso, Putinga, Relvado, Roca Sales, Santa Clara do Sul, Sério, Tabaí, Taquari, Teutônia, Travesseiro, Vespasiano Corrêa e Westfália.

<sup>14</sup> Segundo Schierholt (1995, p. 13), há certo consenso entre os historiógrafos em estabelecer entre Laguna e o Rio da Prata a existência de três províncias indígenas: Ibiaçá, Tape e Uruguai. E que embora não haja unanimidade quanto à localização de suas linhas limítrofes, o Vale do Taquari se localizava entre as províncias Tape e Ibiaçá.

Há, no entanto, um centro urbano regional, dividido pelo Rio Taquari, composto pelos municípios de Lajeado e Estrela. Estas duas cidades possuem juntas em torno de 94.756 habitantes, 29,5% do total de habitantes do Vale. Este centro regional interliga a região para o norte em direção a Passo Fundo, para o sul em direção a Taquari, para o leste em direção a Caxias do Sul, e para o sudeste em direção à Região Metropolitana de Porto Alegre.

Uma característica da região é configurada pela iniciativa comunitária, que iniciou a promoção da educação, da cultura e da saúde em praticamente todos os municípios do Vale, iniciativa esta apoiada geralmente por instituições ou comunidades confessionais de diferentes credos religiosos.

Outra característica regional é a evolução da sua história econômica. Fundada na produção de grãos e proteínas animais, em regime familiar de pequena propriedade, essas atividades econômicas provocaram na região o surgimento de cooperativas de produção, que acabaram unindo os produtores de todas as áreas do Vale.

Com a instituição do Vale do Taquari como uma das regiões do Estado do Rio Grande do Sul, gradativamente passaram a institucionalizar-se entidades oficiais regionais, tais como: Associação dos Municípios do Vale do Taquari – AMVAT; Associação das Secretarias da Educação do Vale do Taquari – ASMEVAT; Associação dos Secretários da Agricultura dos Municípios do Vale do Taquari – ASAMVAT; Associação dos Vereadores do Vale do Taquari – AVAT; Academia Literária do Vale do Taquari - ALIVAT<sup>15</sup>. Além dessas, funcionam também na região a Coordenadoria Regional do ICMS/RS, as Coordenadorias Regionais de Educação, de Saúde, entre outras.

Além de todas essas instituições, há o Centro Universitário UNIVATES, que se caracteriza por ser uma instituição de ensino superior comunitária e regional, pois na assembléia da instituição possuem direito a voto representantes de diversas entidades de todos os municípios que compõem o Vale do Taquari.

---

<sup>15</sup> Fundada em 4 de agosto de 2005, a ALIVAT tem, entre outras finalidades, realizar estudos dos assuntos de interesse cultural da região e buscar maior aproximação entre representantes da cultura regional (ALIVAT, 2007).

Sobre os critérios de definição de uma região como o Vale do Taquari, apesar de haver uma diferenciação interna do ponto de vista geográfico (vales e elevações), econômico (pequena propriedade rural e grandes indústrias) e de colonização (açorianos, alemães e italianos), há uma freqüente evocação dessa região como todo, que se opõe a outras regiões do Estado. Em relação a esse processo, Oliven (2006) apresenta um exemplo semelhante, que é o Estado do Rio Grande do Sul em relação ao Brasil: “apesar de o estado ter uma grande diferenciação interna (do ponto de vista geográfico, étnico, econômico e da sua colonização), ele é freqüentemente contraposto como um todo ao resto país...” (OLIVEN, 2006, p. 61-62).

Essa evocação da região do Vale do Taquari como um todo aparece na apresentação da Coletânea Escritos/Escritores da Academia Literária do Vale do Taquari – ALIVAT. “A publicação [...] é uma obra regional, embora não seja de caráter regionalista. Os autores fazem parte da comunidade do Vale do Taquari, o que mais uma vez comprova o quanto esta região possui de cultura para oferecer” (2007, p. 05). Da mesma forma, quando se agradece ao poder público pelo apoio pela publicação da coletânea, afirma-se que sem esse apoio “esta obra não poderia estar sendo hoje disponibilizada ao Vale do Taquari” (p. 06).

Também em entrevista concedida ao pesquisador, o professor José Alfredo Schierholt<sup>16</sup> evoca o Vale do Taquari como um todo, quando afirma considerar a região como se fosse um único município. Ele afirma que não se deve olhar a região a partir dos limites municipais, mas sim, os municípios em seu conjunto: “E essa visão regional que os cidadãos que assim pensam e se consideram como eu me considero cidadão não desse nem daquele município, mas sim da região” (SCHIERHOLT, p. 01).

De maneira semelhante, o entrevistado Oswaldo Carlos van Leeuwen<sup>17</sup> acredita que o Vale do Taquari é um estado dentro do Rio Grande do Sul, em função da diversificação cultural e econômica que existe na região. Já Waldemar L.

---

<sup>16</sup> Autor do livro “Lajeado II – Apeuat: raízes do ensino superior”. Entrevista concedida em 02/12/2008.

<sup>17</sup> Sócio-fundador e atual Diretor Presidente do Jornal ‘O Informativo’. Entrevista concedida em 09/12/2008.

Richter<sup>18</sup> afirma que se a região do Vale do Taquari aproveitasse o seu potencial, “seria a pequena Europa dentro do Rio Grande do Sul”.

A visão da região como um todo é reiterada no Editorial publicado pelo Jornal ‘O Informativo’ em 01 de agosto de 1970. Esse texto anuncia que é um dia de festa para toda a região do Vale do Taquari, pois ocorrera a implantação de mais um município na região. Os emancipacionistas são adjetivados positivamente e os verbos usados em suas ações revelam o trabalho dessas pessoas: “... um grupo de homens capazes, realizadores, sérios e honestos atiraram-se (*sic*) à luta e em pouco tempo tínhamos mais um município a batalhar pelo progresso do Rio Grande do Sul” (p. 02). O que chama ainda a atenção é que a emancipação de Cruzeiro do Sul é vista como importante não só para si própria, mas para que o Estado gaúcho progrida.

Ainda em relação à emancipação desse município, o povo de Cruzeiro do Sul deve causar orgulho a ele próprio, mas também deve ser motivo de orgulho para os demais municípios do Vale do Taquari: “... isso é motivo de orgulho não só para eles mas, também, para todas as demais comunas que compõem a região” (Jornal O Informativo, 01/08/1970, p. 02).

---

<sup>18</sup> Autor do livro “Nossas origens”. Entrevista concedida em 05/12/2008.

## 2 A PAISAGEM DO VALE DO TAQUARI

Quando se pensa em paisagens do Vale do Taquari, pensa-se em paisagem como um conjunto de elementos característicos de determinado espaço geográfico. No caso da região do Vale do Taquari, o próprio nome possui essa conotação de paisagem, pois traz o termo “vale” em sua constituição, agregado ao nome do rio que o forma.

O Rio Taquari nasce com o nome de Rio das Antas na região dos Aparados da Serra, especificamente no município de São José dos Ausentes, a uma altitude de mais de 1.100 metros. Ao receber as águas do Rio Carreiro, no município de Dois Lajeados, seu nome muda de Rio das Antas para Taquari. Desde a nascente, o rio percorre em torno de 520 quilômetros, até atingir a foz, lançando suas águas no Rio Jacuí, no município de Triunfo (VILANOVA, Maria da Graça, in: HUPPES, 2002, p. 13).

O texto “História do Rio Taquari-Antas”, de Gino Ferri, conta, na apresentação que abre o livro, com a identificação de uma paisagem: a do lendário Rio Taquari. O autor busca na memória a descrição das águas do rio que são tépidas, límpidas e cristalinas, e suas margens que são românticas paisagens ribeirinhas. Além disso, ocorre uma intensificação da adjetivação em “os poéticos acampamentos para as abundantes pescarias, que iam desde o pequenino lambari ao dourado. Recordo os inesquecíveis passeios, [...] durante longas horas, nos dias estivais” (p. 5).

Essa adjetivação ocorre pois o autor vê a necessidade de enfatizar os aspectos que relaciona ao rio, salientando, dessa forma, a importância desse elemento geográfico para a sua vida. Logo após afirma “... narrar-lhe (*sic*) a aventura

ou evidenciar o sentido histórico de grandeza e majestade do rio Taquari” (p. 5). O rio é visto como se fosse uma aventura e, além disso, ocorre a redundância ao caracterizá-lo, pois grande e majestoso, nesse caso, funcionam como sinônimos.

O fascínio pelo rio aparece em “Desde a infância, a visão encantadora do rio Taquari, fascinava-me, pois conhecia-o de perto” (p. 5), e em “Logo que comecei a estudá-lo com maior profundidade, o rio histórico revelou-se ainda mais maravilhoso, mesmo que suas águas já não estejam tão límpidas e cristalinas como outrora” (p. 6).

Semelhante relação entre a infância e as águas também aparece quando Altmann (1991) recorda seu tempo de criança. O autor, sobre um dos afluentes do Rio Taquari, o Arroio Boa Vista, assim se manifesta: “Sempre me alegrava o passeio pela oportunidade de banhar-me no córrego de água clara e limpa, naquele tempo livre de qualquer poluição” (p. 19).

Ao situar o Rio Taquari em seu texto, Ferri (1991) descreve-o assim:

O rio aparece, ora como personagem principal de um enredo, ora como um grandioso cenário paisagístico, ora como expectador, figurante ou musa inspiradora desta epopéia. Surge também como meio de vida para os povoados, vilas e cidades coloridas, que se debruçam às suas margens. [...] Fazendo com tudo isso, reviver sua história, que é um retalho da história do Rio Grande do Sul (p. 06).

Apesar de o autor buscar na memória lembranças sobre o Rio Taquari, o que seria um relato pessoal ou um livro de memórias, aparece aqui que o texto deve ser também um trabalho de recuperação da história, no caso a história do Rio Grande do Sul. Essa dualidade na abordagem do Rio Taquari, pode ser percebida nas próprias palavras do autor, pois “Este relato procede das mais diversas fontes de informação, [...] memórias e imagens, [...] sintetizando os fatos mais marcantes, catalogados nas mais diversas origens, inclusive na tradição” (p. 7).

Ainda na apresentação do livro, é feita uma referência ao espaço geográfico que margeia o rio, no caso, o vale por ele formado. Percebe-se novamente o uso de adjetivos que ajudam a intensificar o que o autor pretende dizer:

Este trabalho proporcionou-me mais uma feliz oportunidade de descortinar recantos maravilhosos do Rio Grande do Sul, especialmente na grande região da bacia do Rio Taquari, apreciando e desfrutando de suas várzeas multicolores, os montes e montanhas que emolduram sua passagem, a verdejante mata marginal, [...] seus meandros caprichosos de deslumbrante beleza, [...] e as policulturas que despontam em suas margens de fertilidade exuberante (FERRI, 1991, p. 6).

Não bastasse a descrição acima referida, o elogio à paisagem formada pelo Rio Taquari continua no parágrafo seguinte:

Tudo isso forma um conjunto de rara beleza que empolga o viandante apreciador da natureza, o qual sente-se obrigado a deter-se, para contemplar extasiado, as maravilhosas paisagens. Passa-se por um verdadeiro encantamento, ante os deslumbrantes panoramas que se sucedem a cada instante, sob os mais variados aspectos (FERRI, 1991, p. 6).

O elogio à paisagem formada pelo Rio Taquari se evidencia também em “as empolgantes belezas naturais de toda a bacia do Rio Taquari manifestam-se a cada passo” (p. 34). Nota-se que para o autor não basta afirmar que as belezas naturais manifestam-se a cada passo, pois ele ainda as adjetiva de “empolgantes” para dar mais força ao seu texto.

Ao referir-se ao tempo de existência do Rio Taquari, ao autor não lhe é suficiente simplesmente afirmar a existência de setenta milhões de anos. Nessa afirmação há o ornamento com adjetivos e advérbios, conforme descrição que segue:

Enquanto os milênios vão tangendo os milênios, que passam pela estrada longa da eternidade, o Rio Taquari continua em sua trajetória, serpenteando entre as montanhas alterosas e suas várzeas multicores, mas já sem aquele espírito aventureiro e desbravador de antanho, quando formou seu curso, sulcando profundamente seu leito, ao longo de sua lendária existência de setenta milhões de anos (FERRI, 1991, p. 42).

O vale formado pelo rio é descrito como um dos “mais ricos do Estado, em húmus e fertilidade, estando incluído, de acordo com estudos técnicos, entre os mais férteis do mundo” (p. 56). O autor só não informa a fonte de quais estudos técnicos



teriam demonstrado essa fertilidade, o que pode ser apenas uma representação social que a população possui do vale onde reside.

Na seqüência, novamente o autor se baseia em estudos estatísticos para fundamentar sua argumentação, no entanto, não informa a fonte de tais dados, o que gera dúvidas sobre as informações apresentadas:

Segundo dados estatísticos, publicados por um periódico norte-americano, seria considerado como o terceiro vale mais fértil do mundo, sendo sobrepujado apenas pelos vales do rio Danúbio, na Europa, em primeiro lugar, e, em segundo, pelo vale do rio Mississipi, nos Estados Unidos (FERRI, 1991, p. 56).

Essas referências à fertilidade do vale formado pelo Rio Taquari podem ser interpretadas à luz do que Moscovici (2003) afirma sobre as representações sociais. Segundo este autor, criamos representações de uma nação ou de uma região (no caso, uma representação da fertilidade da região do Vale do Taquari) e estas representações tornam-se objeto de uma convenção entre os que adotam e partilham a mesma convenção. Em outras palavras, a população do Vale do Taquari crê, efetivamente, na fertilidade do seu vale, embora os estudos que a comprovem não sejam citados.

No prefácio do livro, escrito pelo Engenheiro Agrônomo Paulo Steiner, então prefeito da cidade de Arroio do Meio e Presidente da AMVAT – Associação dos Municípios do Vale do Taquari, o Rio Taquari é nomeado de “o nosso Rio Taquari”, como se fosse uma propriedade da região. Na seqüência, o prefaciador afirma que o autor faz uma “reflexão sobre o rio Taquari e seu vale”, o que evidencia uma leitura não isolada do rio, e sim com o espaço geográfico que o acompanha.

Ainda sobre a paisagem formada pelo Rio Taquari, no prefácio tem-se a denominação de “importante bacia geográfica do Rio Grande do Sul” e “um patrimônio da humanidade”, o que traz novamente à tona um tom de discurso laudatório sobre o rio. Ao final do prefácio aparece: “Se o nosso rio pudesse falar talvez nos dissesse: fiz parte e continuo fazendo parte da família e da grande comunidade regional. Use-me, sem abusar”.

O que se percebe nesse epílogo do prefácio é uma humanização do rio, isto é, o uso da figura de linguagem chamada prosopopéia ou personificação. Além disso, através dessa personificação, o rio passa a ser considerado membro da comunidade regional, como qualquer um dos seus habitantes.

“A fecundidade do vale é uma dádiva do Rio Taquari”, de José Alfredo Schierholt, é a epígrafe que abre o livro de Gino Ferri. O que se percebe nitidamente nesta proposição é uma atualização do dizer de Heródoto: “O Egito é um presente do Rio Nilo”. Ao usar essas duas frases feitas como epígrafe, nota-se que, para o autor, o Rio Taquari possui a mesma importância para seu vale quanto o Rio Nilo para o Egito.

Isso pode ser comprovado com uma afirmação direta do autor: “Assim como o Nilo, o rio Taquari é um presente para todos os municípios localizados às suas margens” (p. 16). Em outra passagem, o autor traz novamente à tona a comparação com o Rio Nilo: “É amplamente divulgada a fertilidade do vale do rio Taquari, lembrando em muitos aspectos, a extraordinária fecundidade do rio Nilo, na África, reconhecida a *(sic)* milênios, como uma das mais férteis do mundo” (p. 56).

O autor reforça a importância do rio para a região através do uso do adjetivo “grande”, embora o conceito de grande ou pequeno seja relativo: “A importância do Rio Taquari para toda a região de sua grande bacia, continua sendo vital” (p. 155). Essa importância também é referida em reportagem publicada no jornal ‘O Informativo’, em 11 de fevereiro de 1983, pois “O rio Taquari, para as colônias situadas às margens, é fundamental como meio de comunicação” (p. 04).

A importância do Rio Taquari também pode ser percebida em reportagem publicada no jornal ‘O Informativo’, na data de 22 de fevereiro de 1983. Nesse texto, faz-se referência à navegação e ao conseqüente desenvolvimento das colônias situadas às margens do rio.

O rio Taquari, em condições de navegabilidade e mantendo um fluxo constante nas comunicações com a capital, proporcionou um rápido desenvolvimento das novas colônias situadas às suas margens. A agricultura e o comércio colonial tiveram amplas possibilidades de se desenvolverem desde o princípio da colonização, na área do Alto Taquari. A

qualidade da terra próxima ao rio, própria para a agricultura colonial, irá ser um fator importante, juntamente com o rio, na criação dessas novas colônias (Jornal 'O Informativo', 22/02/1983).

A relação entre o Rio Taquari e a região é citada nas quatro entrevistas realizadas para esta pesquisa. Ferri afirma que o desenvolvimento do Vale do Taquari deve-se ao rio, em função da navegação. O entrevistado afirma que a navegação foi o ponto principal e “fundamental para o desenvolvimento de todos os municípios do vale” (FERRI, p. 02). Já Schierholt vai além, transforma o rio em elemento que identifica a região, pois afirma que a Instituição de Ensino Superior da região teria que ser construída exatamente no meio do Rio Taquari, “para que não ficasse caracterizado nada do lado, na margem direita, nem na margem esquerda, e sim, numa unidade física só” (SCHIERHOLT, p. 01).

Leeuwen informa que a região é bem servida por água em todas as partes e, principalmente, pelo Rio Taquari: “...um lindo rio, que se não fosse tão poluído seria um atrativo incrível” (LEEUWEN, p. 01). Richter enfatiza a importância do rio para a região, pois ele é “o elo de ligação, corta toda essa região de cento e poucos quilômetros de extensão, onde temos as múltiplas culturas e aquele povo trabalhador” (RICHTER, p.02).

A afirmação de Richter pode ser interpretada a partir do que Certeau (1994) discute entre lugar e espaço, pois este pensa no espaço como se fosse um lugar praticado. Essa relação, na afirmação de Richter, pode ser vista da seguinte maneira: o Rio Taquari e seu vale são um lugar, que se transforma em espaço a partir da ocupação pelo ser humano, no caso ainda adjetivado de trabalhador.

Ao tratar do município de Estrela, Ferri afirma que “Estrela possuía um dos mais belos cais do Rio Taquari, inaugurado a 15 de outubro de 1924” (p. 121). O que se pode depreender da informação é que o fato de o cais ser um dos mais belos é uma visão particular do autor, uma vez que o conceito de belo muda de pessoa para pessoa. Além disso afirma que a cidade é cognominada de “Princesa do Alto Taquari”, sem dar conta da explicação dessa nomeação.

Já a cidade de Lajeado, por sua vez, é nomeada de “Capital do Alto Taquari”. Não há explicação para esse título no livro que ora é objeto de análise. No entanto, o nome talvez tenha sido dado porque Lajeado é o município mais desenvolvido economicamente e o mais populoso da região<sup>19</sup>. Altmann (1991, p. 150) reforça essa idéia, pois afirma que Lajeado é o “centro econômico da vasta região do Alto Taquari”. Pode-se encontrar uma explicação para o destaque de Lajeado como capital da região no texto de Shierholdt (1995), pois além de ser a cidade economicamente mais desenvolvida e com maior população “a cidade de Lajeado estava recebendo um novo perfil, um novo status no Vale do Taquari” (p. 48), pois foi nessa cidade que iniciou o ensino superior em 1969.

Para falar da paisagem formada pelo Rio Taquari e seu vale, Altmann (1991, p. 16) apresenta o discurso de um pastor luterano alemão que convencia os antepassados do autor a emigrar: “Teutônia era a verdadeira Terra Prometida. A terra era fértil, barata, o clima era saudável e ameno. A riqueza animal e vegetal era grande.” É o discurso, no século XIX, na Alemanha, sobre um dos lugares que compunham a atual região do Vale do Taquari.

Em outra passagem, Altmann (1991) estabelece uma relação direta entre qualidade de vida e a paisagem do Vale do Taquari:

A terra de meu pai media 48 ha, metade ocupada por mata virgem, a outra metade dividida entre potreiro e roça. Ali eu tinha muito espaço. Vivia cercado de árvores, gramados, junto a animais e tendo quantidade de frutas para comer. O ambiente era saudável e a família vivia em simplicidade e harmonia (p. 19).

Na ocasião em que o professor Altmann acompanhou um sociólogo húngaro em visita ao Vale do Taquari, em uma das localidades ocorre a seguinte descrição:

Lá estava a paisagem estendida como um tapete. À beira da estrada encontravam-se os poteiros, seguidos pelas casas e demais construções cercadas por pomares. Depois vinham as roças e no fim a reserva de mata virgem. As cinco torres de igreja que se viam, eram símbolo da religiosidade

---

<sup>19</sup> Lajeado possui 67.145 habitantes, enquanto os outros 36 municípios possuem juntos 253.633 habitantes. Fonte: Perfil Socioeconômico do Vale do Taquari, publicado pelo Banco de Dados Regional do Centro Universitário UNIVATES. Disponível em [www.univates.br/bdr](http://www.univates.br/bdr). Acesso em 09 de novembro de 2007.

do povo. As escolas, semeadas na paisagem, documentavam o nível cultural, e o hospital era a prova da importância que se dava à saúde. Considerando tamanho e qualidade das casas, beleza do gado a pastar, limpeza e cuidado dos poteiros e das roças, logo se podia concluir que aí não havia fome nem maiores problemas de ordem social. Igrejas, escolas, hospital tinham sido construídos e eram mantidos pela própria população e sem auxílio por parte do governo.

Veja, professor, disse meu companheiro, o que o Brasil quer mais? Aqui está a prova e um exemplo vivo e prático para a solução dos problemas sociais e econômicos também (ALTMANN, 1991, p. 132).

O que se percebe na descrição da paisagem, é que o autor do livro aproveita a fala de um estrangeiro para afirmar o que pensa sobre a região do Vale do Taquari. Portanto, na citação acima ocorrem, imbricados, dois discursos sobre as características da região: o primeiro do sociólogo húngaro, e o segundo do professor Altmann que se apropria do discurso do primeiro para ratificar o que pensa sobre a região.

Um segundo aspecto é a relação, neste excerto, do local ou regional com o nacional. Na pergunta que o sociólogo húngaro faz ao professor Altmann, temos uma região que serve de modelo não ao estado do Rio Grande do Sul, mas como modelo de desenvolvimento social e econômico a todo um país.

Os elogios à paisagem do Vale do Taquari são citados na entrevista feita a Gino Ferri, quando ele afirma que “os lugares são maravilhosos. Tem lugares ali que deixam a gente de boca aberta. [...] E paisagens maravilhosas do Rio Taquari, lamentavelmente estão sendo devastadas” (FERRI, p. 03). Também o entrevistado Oswaldo Carlos van Leeuwen diz que “Nós temos esses morros maravilhosos, que tem aí, nós temos vários lugares com partes planas, nós temos um rio, nós temos bastante mata ainda...” (LEEUVEN, p. 01).

De maneira semelhante, Waldemar L. Richter acredita que o Vale do Taquari é uma região fantástica, por causa das suas belezas naturais: “...toda a região é muito bonita, [...] onde nós temos os arroios, onde temos água limpa, temos as várzeas com belas plantações, as encostas com o verde, nós temos cidades bonitas onde é valorizada a nossa cultura...” (RICHTER, p. 02). Richter, no entanto, não se

limita aos elementos naturais, ele também enfatiza os elementos nos quais o homem já interveio, como a agricultura e as cidades.

É exatamente dessa forma que Bezzi (2004) vê materializar-se o conceito de região: o encontro do homem com o meio ambiente, ou da cultura com a natureza. Assim, “... a região é a materialidade dessa inter-relação e é também a forma localizada das diferentes maneiras pelas quais essa inter-relação se realiza” (p. 76).

Ferri (1991), ao fazer referência às poesias, contos e lendas que o Rio Taquari inspirou, afirma que “O Rio Taquari, assim como todos os grandes rios do mundo, também tem sua história, suas lendas, suas superstições e estórias, [...] que chegaram até o presente, enriquecendo as belas tradições do rio” (p. 291). Embora o rio não seja nem um dos maiores do Rio Grande do Sul, ele é colocado ao lado dos grandes rios do mundo. E se as tradições do rio são belas, neste caso, é só mais uma visão do autor.

Após, o rio é referido como ligado às tradições regionais: “Intimamente vinculado, como sempre foi, às tradições regionais, o Rio Taquari não podia ficar alheio aos poetas e prosadores” (FERRI, 1991, p. 291). É ligado às tradições regionais até porque a região é nomeada política, geográfica e culturalmente de ‘Região do Vale do Taquari’.

Entre essas poesias, o texto “O Taquari” de Dom Urbano Algayer, personifica o rio, pois “Nosso rio Taquari [...] límpido sorri” e “Ainda os teus gemidos, soam-me aos ouvidos ó meu rio Taquari”. Nessa personificação, primeiro o rio é chamado de nosso, o que sugere um sujeito-lírico que representa a população que convive ou depende dele. Depois, o rio é chamado de meu, pois na última estrofe do poema encontra-se o sujeito-lírico que parte e leva o rio na lembrança.

Na primeira estrofe<sup>20</sup>, há a atribuição de características positivas e intensas ao rio, como: célebre, imenso, puro, cristalino e límpido; o que se evidencia também na última<sup>21</sup>, pois o rio é formoso, do qual o sujeito-lírico sentirá saudades.

---

<sup>20</sup> Célebre desliza / Por vistosas veigas, / Entre Flores meigas, / Nosso rio Taquari. / Seu caudal imenso, / Puro e cristalino, / Ao sol matutino / Límpido sorri.

<sup>21</sup> Quando ao longe parto / Taquari formoso, / De ânimo saudoso / Lembro-me de ti, / E a distância extrema, / Ainda os teus gemidos, / Soam-me aos ouvidos / Ó meu rio Taquari.

A poesia “Rio Taquari”, do Pe. Gustavo Locher, apresenta também uma atribuição de características positivas ao rio. O sujeito-lírico se dirige ao Rio Taquari, como se com ele estivesse falando: “Que eu te saúde, ó Taquari, / Filho mais lindo da mata virgem”. Na seqüência, o rio é nomeado de grandioso, formoso, imponente, eternamente jovem e com força impetuosa, além de ser um lugar inesquecível e o “melhor local para repousar a mente”.

Quando o sujeito-lírico está imerso em sentimentos negativos, o rio é a ajuda de que ele precisa, pois “desprezando-me da terra, / Da tristeza, prazer e aflição, / Mergulho nas tuas profundezas, / Refresco então, meu coração”. Além disso, quando o sujeito-lírico está às margens do rio, sente a presença de Deus: “Quando nas tuas margens parado estou, / Sinto o sopro do Criador”.

Também imerso em sentimentos negativos em função de esgotamento psicológico, Altmann (1991) apresenta a paisagem do Vale do Taquari e as pessoas como o remédio de que ele precisa para recuperar-se, pois o autor decide viajar pela região com um amigo:

Iria viajar com ele. Arno imediatamente aceitou minha companhia e fomos visitar os comerciantes do interior da região. [...] Olhavam-se as paisagens, conversava-se com as comerciantes do interior e também com os colonos [...]. A calma e a paciência do amigo, bem como o contato com a natureza e outras pessoas, afastaram-me dos problemas da escola e tiveram efeito milagroso (p. 137).

Já Nilo Ruschel, no poema “Meu Biênio”, apresenta elementos positivos a partir do Rio Taquari:

Nos refúgios da ramagem  
 Dos velhos troncos da margem,  
 Desse crespo e avermelhado rio,  
 Aqui colhi meu trevo de quatro folhas  
 E tanta recordação.  
 Aqui, frente ao largo leito do rio,  
 Escrevo.  
 Talvez ou quase certo, a última canção  
 De setenta e quatro.  
 Canção? Não sei se o faça.  
 Olho apenas o rio que passa,  
 Sem conhecer ano velho nem novo,  
 Desde que o mundo é mundo.  
 Mas não importa ano nem mundo,  
 Importa o RIO. [...]

O que ser percebe é que o autor apresenta o Rio Taquari como um elemento superior às marcas de tempo e espaço. Quando o sujeito-lírico trata da canção que escreve entre 1974 e 1975, o rio também é recordado positivamente, como um elemento de sorte, enquanto escreve diante dele.

Igualmente imbuído de descrição positiva, o Rio Taquari e seu vale aparecem na poesia “O Lendário Rio Taquari”, de Gino Ferri. Na primeira estrofe, quando o sujeito-lírico faz referência ao nascimento do rio, ele já é chamado de “majestoso” e os cenários por ele formados são empolgantes e de “maravilhosa beleza sem par”. Na terceira<sup>22</sup> estrofe há uma simbiose entre o rio e as plantas que acompanham suas margens, pois as plantas o embelezam e ele oferece nutrientes e água pura para elas.

Graças ao rio, os lugares por onde ele passa ficam melhores e mais bonitos. É o que aparece na quarta estrofe, quando o rio fecunda as várzeas e é motivo para a arte de pintores, pois “Fecunda as várzeas multicolores / E suas encantadoras paisagens / São dignas dos matizes dos pintores. / Lindas praias, belíssimos remansos, / Belas ilhas, cobertas de ramagens”.

Na seqüência, ao rio é dado um “porte majestoso” e as águas servem para o banho, pois são límpidas e as margens são belas. Acompanhando as margens, aparecem as árvores, residências de pássaros, e tudo isso forma um conjunto de “tamanho beleza”. Além desses elementos naturais, há as pontes construídas sobre o leito do rio, cuja imponência embeleza “as paisagens sem igual”.

Além das pontes, outra marca de progresso referida na poesia é o surgimento das cidades ao longo das margens do rio, que é “Como artéria, que faz circular, / A riqueza provinda da terra fértil, / Que margeia seu belo vale milenar”. Apesar disso, com o crescimento dessas cidades o sujeito-lírico manifesta uma preocupação, pois “Suas águas tépidas e sussurrantes, / Outrora tão cristalinas e límpidas, / Estão sendo poluídas sem parar, / Fazendo desaparecer toda a beleza; / As cidades e vilas a que deu vida, / Hoje, o estão querendo matar”.

---

<sup>22</sup> Serpenteando entre as montanhas, / Que emolduram a sua passagem, / Desliza em leito de rocha escura, / Embelezado pela espessa ramagem, / Trazendo em suas entranhas / Húmus nutriente e seiva pura.



O epílogo da poesia traz de volta a visão positiva do rio e um espírito de preservação: “Aqui deixamos nosso brado de alerta, / [...] Combatamos a toda hora, a poluição. / Façamos novamente o rio Taquari azul / E volte a ser [...] / As mais encantadoras paisagens do Sul”.

A preocupação em preservar a paisagem do Vale do Taquari também é citada em notícia do jornal ‘O Informativo’ no dia 15 de outubro de 1981. “Os morros da Região estão sendo desmatados sem nenhuma orientação, queimados e abandonados dois ou três anos depois, provocando, assim, a perda pela erosão, de toda a camada fértil que corre para os rios poluindo suas águas” (p. 06).

Numa visão totalmente oposta à apresentada nas poesias anteriores, Gino Ferri retrata negativamente o rio, na poesia “Enchente do Rio Taquari”. Neste texto, o rio é visto como um ladrão que “Saltando os muros [...] / Invade as casas, palhoças e barracos, / Tirando o sossego das gentes, / Roubando, do menino, o minguido pão”.

As águas que rolam pelo rio não são mais límpidas, cristalinas e de incomparável beleza, e o sol, durante o período da enchente, não mais deixa a paisagem com matizes para o pintor, pois “Amanhece um novo dia, cinzento e fatal, / Negras nuvens encobrem o sol matinal, / Indeciso, não tem forças para brilhar”. As águas não trazem mais a riqueza da terra fértil, elas deixam a paisagem com “aspecto desolador, [...] / Em sua trágica passagem, / Um manto de tristezas e de dor”.

Pode-se dizer que o Rio Taquari é um elemento da paisagem importante para os escritores da região do Vale do Taquari. Por um lado ele é motivo de exaltação, por causa das suas características positivas, mas, por outro, em relação às enchentes, passa a ser motivo de tristeza e dor, conforme pôde ser percebido no levantamento realizado neste capítulo.

### 3 A POPULAÇÃO DO VALE DO TAQUARI

Historicamente, a região do Vale do Taquari possui, em sua formação étnica, imigrantes e descendentes de açorianos, alemães e italianos. Além deles, antes do processo de colonização, viviam às margens do Rio Taquari povos indígenas, que Schierholt (1992, p. 13) nomeia de “ibaiaras”. A partir desses povos é que se configura a população atual da região do Vale do Taquari.

Ferri (1991) afirma que desde remotos anos os cursos d’água são importantes vias de comunicação, e que a vida do homem, depende, muitas vezes, da vida dos rios. O Rio Taquari não foi diferente, pois

serviu como estrada líquida por onde foram transportados os colonizadores que se localizaram às suas margens, formando um elo de ligação entre as povoações ribeirinhas e, ainda hoje, continua a servir as populações sob os mais diversos aspectos (FERRI, 1991, p. 16).

A idéia de estrada líquida volta a ser citada, e o percurso do rio novamente adjetivado positivamente:

O Rio Taquari serviu como caminho líquido natural, para a chegada dos primitivos moradores de suas margens, onde surgiram, primeiramente as sesmarias e fazendas, e após, as cidades, vilas e povoados, pontilhando seu percurso com paisagens multicolores (FERRI, 1991, p. 56-57).

A colonização portuguesa do vale ocorreu a partir das margens do Rio Taquari. Em 1760 vieram pelo rio os primeiros casais de açorianos que se instalaram onde atualmente localiza-se a cidade de Taquari. E segundo Ferri (1991, p. 74), “o açoriano adaptou-se muito bem, por força do trabalho agrícola, sobretudo

no cultivo do trigo e outros cereais, constituindo-se um dos alicerces da penetração portuguesa no vale do Taquari.”

Novamente o rio se faz presente na colonização da região, pois “no final do século dezoito e início do século dezenove, várias sesmarias foram doadas a sesmeiros, às margens do Rio Taquari, passando este, a constituir um importante caminho de penetração para os colonizadores” (FERRI, 1991, p. 75-76).

Ao tratar da colonização alemã, o rio continua a ter um papel importante, pois “Após a colonização da região de São Leopoldo, os imigrantes alemães ou de origem, seguiram os cursos d’água, que era (*sic*) o caminho mais favorável, atingindo os vales dos rios Jacuí, Pardo e Taquari” (FERRI, 1991, p. 78).

Outro autor que relaciona a colonização alemã aos rios é Richter, quando afirma que “os alemães deram impulso e modernização ao transporte ao longo dos rios” e que “foram eles os grandes movimentadores de mercadorias e passageiros durante longos anos, fomentando o progresso e garantindo sua presença na evolução econômica do Rio Grande” (1994, p. 23).

Diferentemente da colonização açoriana e alemã da região do Vale do Taquari, que se deu da foz em direção à nascente, a colonização italiana<sup>23</sup> na região fez o caminho inverso: da nascente em direção à foz. Após essa explicação, Ferri (1991) afirma que as terras que margeavam o Rio Taquari foram transformadas em lotes “para serem vendidas aos agricultores lusos, alemães e italianos [...], em todo o curso do rio, com o povoamento de suas margens e o surgimento de inúmeras povoações, vilas e cidades, que hoje [...] ladeiam o rio Taquari” (p. 81). Fica evidenciada, nesse texto, a população colonizadora que compunha, originalmente, a região do Vale do Taquari: açorianos, alemães e italianos.

Na poesia “O Lendário Rio Taquari”, de Gino Ferri, no entanto, há uma referência a populações anteriores à chegada desses colonizadores. Isso se

---

<sup>23</sup> A colonização italiana da região do Vale do Taquari é resultado de correntes migratórias internas. Segundo Frosi & Mioranza (1975, p. 50), houve um fluxo migratório por volta de 1880, que se deslocou das Colônias Dona Isabel e Conde D’eu em direção a Encantado, que foi o primeiro lugar ocupado pelos italianos no Vale do Taquari. De Encantado, em busca de novas terras, os imigrantes e seus descendentes iniciaram um movimento em direção à parte norte da região do Vale do Taquari.

depreende numa estrofe<sup>24</sup> que faz referência ao nome do Rio Taquari, pois o rio era chamado de “Tebiquari” pelos habitantes de suas ribanceiras. Somente mais tarde passou a ser chamado de “Taquari” com a chegada do homem branco. Pode-se afirmar que as populações a que se refere o sujeito-lírico são os grupos indígenas, embora não sejam nomeados, pois os imigrantes são chamados de “homem branco”, numa clara referência à oposição índio x colonizador.

Outra referência à população indígena da região do Vale do Taquari aparece na lenda “Amor Indígena”, de Lauro Nelson Fornari Thomé. Nessa lenda, aparece a relação entre os indígenas e os colonizadores em nível de contato comercial: “Havia um acordo tácito entre brancos e índios, que estabelecia o contato estritamente comercial, não podendo, o homem branco, ultrapassar as barrancas do rio” (THOMÉ, in FERRI, 1991, p. 304-305).

Conforme a lenda, os índios respeitavam o acordo. Um jovem branco, no entanto, ao subir o Rio Taquari, infringiu o acordado e acabou aprisionado pela tribo indígena. O rapaz teve sorte, pois somente escapou da morte porque a filha do cacique se apaixonara por ele. O final da lenda é uma cerimônia de casamento entre esse jovem branco e a filha do cacique da tribo, e segundo o texto, “foram felizes por muitos anos, cercados da alegria de numerosos filhos” (THOMÉ, in FERRI, 1991, p. 304-305).

A “Lenda do Riacho Encantado”, registrada por Gino Ferri, é, segundo o autor, uma antiga lenda indígena que foi passada aos primitivos exploradores e colonizadores e que se mantém viva na memória dos habitantes de Encantado, uma das cidades que compõem o Vale do Taquari.

Conforme a lenda, nas imediações onde hoje se localiza a cidade de Encantado, um cacique estava navegando pelo Rio Taquari, acompanhado por dois outros índios,

quando ao aproximarem-se da foz de um pequeno riacho, avistaram sobre a barranca, um enorme vulto branco, cuja forma não puderam identificar, o qual, ao pressentir a aproximação de pessoas, jogou-se nas águas

---

<sup>24</sup> Desde épocas mais remotas, / Habitantes se suas ribanceiras, / O denominaram de rio “Tebiquari”. / Somente, muitos anos mais tarde, / Com a chegada do homem branco, / Teve o nome mudado para Taquari.

profundas do rio, desaparecendo, como que por encanto (FERRI, 1991, p. 305).

Em função dessa lenda, o riacho em que apareceu o vulto foi denominado de Encantado, e o povoado que surgiu defronte à foz desse riacho também foi chamado assim.

Quando Ferri (1991) aborda o município de Dois Lajeados<sup>25</sup>, afirma que “o Rio Taquari teve muita influência na colonização do município, pois serviu de estrada líquida para o transporte dos colonizadores, especialmente, nas margens do rio” (p. 110). O que se percebe aqui é que o autor amplia a influência do rio na colonização do município com o uso do advérbio de intensidade “muito”.

Da mesma forma, ao tratar da colonização do município de Muçum<sup>26</sup>, amplia a importância do rio com o superlativo “importantíssimo”, conforme segue: “O Rio Taquari serviu como artéria importantíssima na migração dos primitivos moradores do território, tanto para os vindos do Sul como para os do Leste, uns subindo, outros descendo o rio...” (p. 112).

Na seqüência, o autor fala da ocupação do município de Roca Sales, realizada por descendentes de imigrantes de origem italiana, alemã e lusa. Ainda sobre essa cidade, o autor a nomeia de Cidade da Amizade, sem explicar a origem e o significado da nomeação.

Já Altmann, em seu livro “A Roda – memórias de um professor”, em função da sua origem, começa a falar de parte da população que inicialmente compunha a região do Vale do Taquari. No prefácio afirma: “Julguei importante a trajetória percorrida por uma população que teve e continua tendo elevado papel na nossa história” (ALTMANN, 1991, p. 13). Não fica claro, nesta sentença, a que população o autor se refere. À medida que a leitura avança e por conhecer a história do autor, sabemos que ele está se referindo aos imigrantes (e descendentes) de alemães. A

---

<sup>25</sup> Segundo Ferri (1991, p. 110), o município de Dois Lajeados foi colonizado por descendentes de açorianos, que subiram o Rio Taquari, por descendentes de alemães, italianos e alguns poucos poloneses.

<sup>26</sup> Conforme Ferri (1991, p. 112), o município de Muçum também foi colonizado por descendentes de origem lusa, italiana e alemã.

proposição possui também um tom de discurso laudatório, pois o papel que essa população teve na história é adjetivado de “elevado”.

Através da paisagem o autor identifica a população, que se revela dedicada ao trabalho por causa da agricultura e da criação de animais.

Quando sentava no alto do morro, voltando o olhar em redor, via as casas dos colonos como semeadas pela paisagem, pensava nos seus destinos: trabalho árduo e pesado de sol a sol, sem férias e praticamente sem domingo, já que o gado tinha de ser atendido diariamente (ALTMANN, 1991, p. 39).

Nessa passagem de Altmann, percebe-se uma idéia de região pela perspectiva sistêmica defendida por Bezzi (2004), pois a autora afirma que uma região se configura a partir da interligação de aspectos físicos, humanos e econômicos. No caso do texto de Altmann, o aspecto físico refere-se ao alto do morro onde ele estava sentado, o humano são os colonos que ocupam esse espaço físico, e o econômico tem a ver com a forma de produção: o trabalho na agricultura e pecuária.

Há outra referência aos alemães ao falar dos mascates que visitavam os interiores da região do Vale do Taquari: “os viajantes eram normalmente pessoas respeitáveis e educadas. Muitos deles eram alemães natos” (p. 36). O questionamento que se faz aqui é se o respeito e a educação possuem uma relação intrínseca com a natureza germânica desses viajantes, pois pela fala do autor, parece que é exatamente isso que se deixa entrever.

Sobre a proibição do ensino de alemão nas escolas brasileiras, o autor afirma que “era incalculável o que se perdia em valores culturais com a eliminação do alemão do currículo escolar” (p. 101). A perda é aumentada pelo uso do intensificador “incalculável”, embora não haja explicação de quais os valores culturais que seriam perdidos.

A respeito desse tema, Oliven (2006) afirma que durante a República Velha houve uma descentralização política e administrativa, já na República Nova o que se percebe é um crescimento na centralização dos mais variados níveis. O que ocorre,

a partir de então, é um deslocamento do poder do âmbito regional para o nacional. Um exemplo encontra-se na área da educação, pois cabia a ela

... um papel fundamental na constituição da nacionalidade, o que deveria ser feito através da impressão de um conteúdo nacional à educação veiculada pelas escolas, da padronização do sistema educacional e do enfraquecimento da cultura das minorias étnicas (OLIVEN, 2006, p. 51).

Por ocasião da depredação da Livraria e Editora Rotermund de São Leopoldo, no início da década de trinta do século passado, o autor assim escreve: “Dizia-se que Rotermund tinha publicado um artigo ofensivo ao Brasil. Com este ato deixou de circular o Deutsche Post, uma grande perda cultural para todo o estado” (p. 53)<sup>27</sup>. Isso significa que, conforme o autor, o jornal tinha muita importância para o Rio Grande do Sul e os alemães, portanto, contribuíam com a sua cultura para o Estado, uma vez que é usado o intensificador “grande”, diante da perda cultural.

O que chama a atenção é que, logo na seqüência desse fato, o autor afirma que “Nós nos orgulhamos quando lemos nos jornais que os gaúchos realmente tinham amarrado seus cavalos no obelisco frente ao Palácio do Catete no Rio” (p. 53). É preciso aqui ver o referente do pronome “nós”: os estudantes descendentes de imigrantes alemães. Isso revela que esses descendentes, entre eles o autor, se consideravam tão gaúchos quanto todos os outros, pois a cena causou neles um sentimento de orgulho.

Em relação a essa identidade de gaúcho, Oliven (2006) argumenta:

Apesar da decadência da Campanha e do crescimento de outras regiões do estado, como a região serrana de colonização alemã e italiana, a representação da figura do gaúcho com suas expressões campeiras, envolvendo o cavalo, o chimarrão e a construção de um tipo social livre e bravo, serviu também de modelo para grupos étnicos diferentes, o que estaria a indicar que essa representação une os habitantes do estado em contraposição ao país (p. 98).

---

<sup>27</sup> A Editora e Livraria Rotermund, com sede na cidade de São Leopoldo, vendia material escolar, editava livros didáticos e mantinha um jornal em língua alemã, chamado Deutsche Post, que era lido nas colônias alemãs. Em relação a esse incidente, não fica suficientemente claro quem ordenou a depredação da Livraria e tampouco o autor apresenta detalhes do conteúdo do suposto texto publicado.

Se, por um lado, o fato de os gaúchos terem amarrado seus cavalos no obelisco no Rio de Janeiro causou um sentimento de orgulho, por outro, é preciso lembrar que esse mesmo grupo, ou representantes dele, foram os responsáveis pela proibição do ensino do alemão nas escolas. Então, há um elogio ao grupo de Getúlio Vargas ao mesmo tempo em que aparece uma ferrenha crítica, embora o autor não estabeleça relação entre os dois fatos.

A relação entre os descendentes de alemães e o Brasil reaparece quando Altmann (1991) relata a perseguição dos teuto-brasileiros durante a Segunda Guerra Mundial.

No interior do estado, todos os descendentes de alemães eram simplesmente chamados de 'quinta coluna' e vistos como inimigos do Brasil, subversivos e traidores. O povo, por natureza tolerante e calmo, tinha sido instigado pela imprensa e outros meios de comunicação, contra todos e tudo o que tinha um mínimo de parentesco ou relação com a Alemanha. Esquecia-se que eram brasileiros, filhos de imigrantes, chamados pelo governo brasileiro com o fim de colaborar na construção da nação brasileira e na defesa contra as incursões dos vizinhos do Sul. Prova de fidelidade<sup>28</sup> à nova pátria tinha sido dada nas guerras contra Rosas e Lopes, com a formação do Batalhão de Voluntários da Pátria, assim como na participação na Revolução Farroupilha, mas principalmente pelo trabalho laborioso e pacífico (p. 90).

Na afirmação a seguir, o que se percebe é que Altmann (1991) não mais fala de descendentes de imigrantes alemães, e passa a referir-se à população teuto-brasileira. "Realmente, a população teuto-brasileira vivia uma época de entusiasmo em toda parte. Economicamente, estava bem alicerçada em sua competência e na sua dedicação ao trabalho" (p. 60). Os valores positivos dessa população são ressaltados, pois ela se mantinha pela competência e na dedicação ao trabalho.

Essa conotação volta a aparecer quando o autor afirma que os imigrantes alemães que vieram ao Brasil não vieram nem como escravos e tampouco como

---

<sup>28</sup> Outro autor que faz referência à contribuição dos imigrantes alemães na defesa do Brasil é Richter (1994). Segundo este autor, a) na Campanha Cisplatina os alemães combateram ao lado de seus compatriotas brasileiros; b) na Revolução Farroupilha os alemães deram o seu sangue; c) na Campanha contra Rosas, a ajuda dos alemães foi decisiva para a consolidação das fronteiras meridionais; d) na Guerra do Paraguai a ajuda dos imigrantes alemães foi de grande valia para a vitória.



conquistadores e exploradores, e sim “vieram como trabalhadores, sinceros, dedicados e honestos, com a intenção de criar e ajudar a criar uma nova pátria para si e seus filhos (ALTMANN, 1999, p. 90-91).

Algo semelhante percebe-se quando o autor retorna de uma viagem da Europa, pois afirma que “Ao voltar ao Rio Grande, vendo as nossas colônias, único e melhor sistema agrícola, pensei em qual teria sido o destino de nosso Rio Grande se não tivessem vindo os imigrantes” (ALTMANN, 1991, p. 146), embora não haja referência à origem étnica desses imigrantes. Essa afirmação leva a entender que os imigrantes salvaram o Rio Grande do Sul da ruína, o que revelaria uma superioridade deles em relação ao gaúcho típico, autóctone do Rio Grande do Sul, pois o sistema agrícola dos imigrantes era único e o melhor.

Depois de formado professor e com experiência de ensino em algumas escolas, o autor é convidado para assumir a direção de uma escola comunitária em Lajeado, sobre o que afirma: “Eu não conhecia a escola, embora soubesse de sua existência e já tivesse notícia do renome conquistado por ela em função do alto nível educacional apresentado” (p. 103).

Em relação a esse convite, o Secretário do Departamento de Ensino, ao qual o professor Altmann estava vinculado, afirmou que

Se não tivesse o cargo que estava ocupando, ele próprio se interessaria, isso principalmente por causa da valiosa população do Vale do Taquari e do grande contingente de descendentes de alemães e evangélicos, que careciam de um ginásio e de uma escola de segundo grau (ALTMANN, 1991, p. 103).

Veja-se que antes de o interesse pela direção da escola ser por causa dos descendentes de alemães e evangélicos, este interesse é declarado por causa da população do Vale do Taquari, que é adjetivada de valiosa. Outro elogio a essa população aparece logo na seqüência: “O que realmente me cativou foi a mentalidade, o jeito de ser e de falar das pessoas, não só as de Lajeado, como também daquelas da região, com as quais me senti em casa” (p. 105).

Eu viria a Lajeado. Minha decisão fundamentou-se principalmente no fato de eu conhecer o povo de Alto Taquari. Conhecia a sua mentalidade, seu amor

ao trabalho e à sua igreja. Conhecia a sua tenacidade, sua fidelidade no cumprimento de compromissos assumidos (ALTMANN, 1991, p. 107).

Ocorre um recorrente elogio ao povo do Vale do Taquari, sem fazer distinção entre origem étnico-cultural, pois foi graças a esse povo que o autor decidiu vir a Lajeado. Há uma descrição das características positivas dessa população: amor ao trabalho e à igreja, tenacidade, fidelidade nos compromissos. Além disso, o povo estava em boas condições econômicas pois, “a situação econômica desta população bem indicava condições de criar e sustentar tal empreendimento” - no caso a criação e manutenção de um ginásio (p. 107).

No Editorial publicado no jornal ‘O Informativo’, em 11 de dezembro de 1982, sob o título de “A Educação no Alto Taquari”, faz-se referência à história de colonização da região e as conseqüências que ela trouxe para a educação. Inicialmente o texto apresenta a colonização do Vale do Taquari dividida em três partes: ao norte, a colonização italiana; no centro, a alemã; e, no sul, a lusa. No entanto, à medida que avança a reflexão, abre-se espaço para a miscigenação e a constituição de “...uma comunidade típica que nos parece não ter par nos primórdios da colonização”, pois

As três raças passaram a coexistir e a mesclar-se, numa convivência não oriunda por força da urbanização, diga-se de passagem, e antes mesmo que uma tradição de brasilidade pudesse deixar nos indivíduos algum ideal comum que os aliasse. São colonos alemães, italianos e lusos se encontrando, cruzando-se, mesclando-se no próprio campo ou na lavoura, bem como nas pequenas vilas em formação. Esta é uma “marca registrada” que nos identifica, cujas particularidades devemos conhecer melhor e cujas conseqüências não hão de ser de pequena monta (Jornal O Informativo, 11/12/1982, p. 02).

O texto deixa entrever que na região do Vale do Taquari formou-se um conjunto populacional com características próprias, diferentes das de seus antepassados, mas diferentes também das características populacionais de outras regiões. Em outras palavras, somente se faz referência ao grupo étnico quando se trata da colonização, pois na contemporaneidade a população do Vale do Taquari é vista como um todo. Ademais, a ocupação da região promove um fenômeno de

interculturalidade, sem relação com a urbanização, e sim com a própria colonização do Vale do Taquari.

Nas entrevistas realizadas, as três etnias são citadas no processo de colonização da região, por todos os entrevistados. Todos, no entanto, também se referem ao processo de miscigenação ocorrido na atual configuração do povo do Vale do Taquari. Schierholt, por exemplo, afirma que a população do Vale do Taquari é fruto de uma mescla e atribui algumas características, sempre positivas, a essa população: “amor à família; empreendedorismo; amor à cultura, às escolas e ao trabalho; espírito de fazer economia; coragem; dinamismo; garra” (p. 04).

Já na entrevista de Leeuwen, acredita-se que a junção das três etnias deu origem a um povo diferente e que tem tudo para ser grande, e por isso afirma que “... o Vale do Taquari é um Estado dentro do Rio Grande do Sul” (p. 02). O entrevistado Gino Ferri vai além: além de referir-se às três etnias que ocuparam a região, ele afirma que “... com o decorrer do tempo, houve uma certa miscigenação entre essas etnias que formaram, poderíamos assim dizer, uma nova etnia” (p. 02).

A população do Vale do Taquari também é chamada de empreendedora por Stahlscmhidt (1994, p. 76), pois um representante dessa população, o empresário Elvídio Eckert, é nomeado de “conceituado empresário”, e por sua vitória ter se dado graças ao trabalho intenso e sério, à disposição e aos corretos princípios. Essa idéia, na entrevista de Leeuwen, se estende a toda a população da região, mas principalmente à juventude do Vale do Taquari:

... aqui há o pioneirismo e a juventude é uma juventude séria, uma juventude que trabalha. A juventude em outros lugares estão perdidos (*sic*) por aí, aqui não. Olha essas empresas, quem é que está no comando? São jovens que estão ali mandando e tocando o barco e fazendo aquela coisa andar (LEEUEWEN, p. 03).

Já na entrevista de Richter, percebe-se que a população do Vale do Taquari é, graças à formação étnica, um povo diferente das pessoas de outras regiões, um povo que se dedica ao trabalho:

... a nossa região, [...] onde temos as múltiplas culturas e onde temos aquele povo trabalhador. A população aqui tem um grande diferencial

comparado a outras regiões. Se eu olho pra grande Santa Rosa, grande Três Passos, a região do médio Passo Fundo, aqui nós temos essa região dentro das diversas culturas, múltiplas culturas, essas características bem marcantes ainda do que foi preservado nessas três partes européias, acho que é uma população muito fantástica, uma população muito trabalhadeira (RICHTER, p. 02-03).

Outra referência a esse empreendedorismo aparece em reportagem do jornal 'O Informativo', quando trata da constituição das Sociedades Anônimas para o desenvolvimento da região:

A velha fábula da União faz a Força continua sempre presente e inegável. Seu uso honesto é a solução para um dos graves problemas que começam a afligir a nossa região e que possibilitará, por outro lado, a tão almejada industrialização do Vale do Taquari. Estamos falando na Sociedade Anônima, que, com um pouco de cada um estará construindo o muito de que necessitamos (Jornal O Informativo, 15/05/1970, p. 02).

As características da população do Vale do Taquari aparecem novamente quando Altmann (1991, p. 133) emite a sua opinião sobre a vinda de fábricas para o Vale do Taquari: "Com a atração que as fábricas exercem sobre elementos de outras regiões, as características originais da população em termos de usos e costumes, vida social e conceitos de moral estão ameaçados". Essa afirmação revela que a população da região do Vale do Taquari possui certas características quanto a costumes, vida social e moral, sem haver distinção de origem étnica. Os elementos estranhos, no caso pessoas de outras regiões, interfeririam nas características da população do Vale do Taquari.

A visão que esse autor possui em relação à população do Vale do Taquari pode ser relacionada ao que Bezzi analisa nos estudos de Geografia Humanística. Conforme esta autora "as atitudes humanas, quanto ao seu território e lugar, são semelhantes a dos animais, que defendem seu espaço vital contra os intrusos" (2004, p. 63). Além disso, percebe-se, na visão de Altmann, uma cultura regional semelhante à cultura popular na Idade Moderna, pois segundo Burke

A cultura popular era percebida como cultura local. [...] Era a região, a cidade ou mesmo a aldeia o que determinava a lealdade entre aquelas pessoas; essas unidades formavam comunidades fechadas, com

estereótipos hostis contra os forasteiros, relutando em admitir novas pessoas e novos costumes (1989, p. 77).

Da mesma forma como Altmann (1991) se refere à população do Vale do Taquari, sem mais falar de imigrantes ou descendentes de alemães, Ferri (1991) não mais identifica a população dessa região por sua origem lusa, alemã ou italiana. Simplesmente o autor passa a falar da população do Vale do Taquari. É o que se percebe quando o autor trata da preservação do Rio Taquari. “É necessário que haja uma conscientização geral das populações, especificamente na região do Rio Taquari” (Ferri, 1991, p. 154).

Igualmente, quando retoma o passado, ao falar novamente da estrada líquida, não é feita diferença étnica das populações: “O rio serviu como estrada líquida, por onde chegaram os primitivos exploradores e, posteriormente, os povoadores de suas margens, onde surgiram inúmeros povoados, vilas e progressistas cidades, que ponteiam ambas as margens” (p. 154). O que se nota aqui é que não bastou ao autor afirmar que surgiram povoados, vilas e cidades, pois as cidades são adjetivadas positivamente de progressistas.

Tampouco ocorre uma diferenciação étnica quando o autor fala dos efeitos positivos que a população causou à região: “Desde o início da colonização das terras localizadas às margens do Rio Taquari, a região começou a progredir, as populações procuravam sua estabilização, comunicavam-se entre si, trocavam seus produtos e empreendiam suas viagens através do rio” (p. 249).

O autor chama a população do vale à ação através da expressão: “Se não houver uma conscientização coletiva das populações, o rio acabará adoecendo, do que já demonstra sintomas alarmantes, e, fatalmente morrerá” (p. 155). A partir desse ponto a população é vista como destruidora da natureza, pois “Lamentável foi a devastação [...] ocorrida desde os primeiros tempos de colonização, em todo o vale do Rio Taquari” (p. 155).

Ainda sobre a poluição do Rio Taquari, o autor amplia a importância da região com o uso do adjetivo “vasta”, conforme segue: “A imprensa escrita, falada e televisada de toda a vasta região da bacia do Rio Taquari, a par das notícias sobre a poluição do meio ambiente...” (p. 161).

Desmataram tuas barrancas, destruíram grande parte da tua fauna e da tua flora ribeirinhas, arrancaram do teu seio o cascalho, a areia e demais sedimentos, devastaram a mata de galeria de tuas margens, maltrataram tuas águas, outrora tão límpidas e cristalinas, porém, tu continuas a fecundar o vale tão fértil e a prestar teus relevantes serviços, em favor das comunidades localizadas ao longo do teu curso (FERRI, 1991, p. 162).

A crítica à população que polui o rio e destrói a natureza que o margeia é feita em tom de discurso. No entanto, ocorre a indeterminação do agente poluidor com o uso da terceira pessoa do plural (maltrataram, desmataram, devastaram, etc.) e o rio é personificado com o uso do pronome pessoal tu.

Por outro lado, uma das características da população da região do Vale do Taquari é o espírito comunitário. Isso se percebe na apresentação de “A Roda – memórias de um professor”, de Friedhold Altmann, escrita pelo advogado e professor Venâncio Diersmann, pois aparece a seguinte referência ao autor: “... o professor Friedhold Altmann, um obreiro incansável pelo bem comum” (p. 05). O professor Altmann é nomeado obreiro que, além de significar operário ou trabalhador, é também aquele que, por suas palavras ou obras, contribui para o desenvolvimento de uma grande idéia. O termo com que é definido o autor da obra possui, portanto, uma conotação positiva.

Ao lado da palavra “obreiro” aparece o adjetivo “incansável”, que remete a outra característica do professor Altmann, também positiva: a disposição para o trabalho. Além disso, aparece o “bem comum”, o que revela o espírito comunitário do professor, pois o trabalho, neste caso, não é pela realização pessoal, e sim, pelos outros – pelo bem de todos.

Outro aspecto em que aparece o espírito comunitário é quando o Altmann (1991) lembra da avó, que tinha conhecimentos na área da enfermagem, e por isso “Este fato lhe valeu um especial respeito além de ensejar incontáveis oportunidades de fazer-se útil na comunidade” (p. 17).

Na seqüência, o espírito comunitário da população é revelado através do que se construíam, pois “As construções de escolas e igrejas eram feitas em mutirão” (p.

25). Veja-se que o autor cita primeiramente a construção das escolas, pois além do espírito comunitário, a população preocupava-se com a educação.

Normalmente o que acontecia era isso mesmo: organizava-se a escola primeiro; a igreja vinha depois. Todos os imigrantes eram alfabetizados e não queriam ver seus filhos crescerem analfabetos. Assim, a construção e instalação da escola era a primeira tarefa comunitária (ALTMANN, 1991, p. 26).

A mesma idéia é reforçada na entrevista de Schierholt, pois os imigrantes alemães preocupavam-se com a educação de seus filhos:

... com o desenvolvimento promovido pela colonização alemã, se interessou o imigrante alemão desde cedo de preferir construir com a escola que com a capela. Agora se não houvesse condição das duas, então se construía a escola e aí se convidava o padre ou o ministro para fazer o seu culto, mas se sustentava, os pais sustentavam o seu professor para que eles pudessem (*sic*) ministrar as aulas aos seus filhos (SCHIERHOLT, p. 02).

Ao falar da sistemática da escola na comunidade onde Altmann vivia, aparece a seguinte descrição: “A manutenção do prédio escolar, dos pátios e do cemitério, que pertenciam à mesma sociedade, não precisava ser custeada pelo professor, pois a comunidade se responsabilizava” (p. 28). Novamente há uma relação muito próxima entre espírito comunitário e a preocupação com a educação, o que se revela também na seguinte passagem: “A conservação da casa do professor [...] estava a cargo da diretoria da sociedade escolar, lá chamada de comunidade escolar” (p. 31).

No momento em que o autor se refere aos professores da escola em que passa a trabalhar, diz que “é dos professores que depende a qualidade do ensino e um ginásio no Alto Taquari somente vingará se apresentar um trabalho bom” (p. 106). A atuação dos professores na escola é vista como competente e abnegada, além de evidenciar um espírito de cooperação (ou comunitário):

Graças à competência e abnegação de todos estes e muitos outros que continuam no colégio, a escola conquistou e assegurou o renome de escola séria. [...] Esse sentimento de família se percebia na

prontidão e disposição que todos demonstravam quando aparecia um serviço especial e imprevisto (ALTMANN, 1991, p. 112-113).

No momento em que a escola precisava de recursos para ampliar o espaço físico, o autor vai ao encontro da população do Vale do Taquari para conseguir ajuda: “Demonstrávamos como um estabelecimento assim seria de valor para toda a região. [...] Visitamos aproximadamente 1000 famílias em todo o Alto Taquari, das quais 800 assinaram” um compromisso para efetuar a doação de um valor “x” à escola. Embora tivessem assinado o compromisso, “o que valia, era a palavra” (p. 113). Essa última afirmação denota, além do espírito comunitário, outra característica da população do Vale do Taquari: o cumprimento de sua palavra.

Já de posse de recursos suficientes para a conclusão do prédio da escola, o autor afirma: “Para a conclusão do prédio principal do Ginásio Evangélico houve uma conjugação de esforços por parte de toda a comunidade. Todos ajudaram” (ALTMANN, 1991, p. 133). O espírito de cooperação estaria evidenciado pelo uso da expressão “conjugação de esforços”. No entanto, essa união em torno da causa comum é reforçada pelo uso de “toda a comunidade” e “todos ajudaram”.

Em outra passagem, a idéia de união em torno da causa comunitária é novamente trazida à discussão, pois “que alegria ver e sentir toda esta obra, fruto da colaboração e união de forças por parte de toda a comunidade, desde os mais abastados até os humildes operários. Todos tinham somado suas forças” (ALTMANN, 1991, p. 146). O espírito comunitário novamente aparece reforçado pelo uso de “toda comunidade” e de “todos”. E quando a escola estava pronta, afirma que “estava lá o exemplo vivo de uma comunidade unida e o exemplo de uma escola comunitária” (p. 146).

Ainda em relação à comissão formada para essa ampliação da escola, aparecem novamente palavras que denotam união em torno da causa comum, pois “era um prazer trabalhar num conjunto como este. A franqueza nas discussões, nos estudos, a excelente amizade e a coordenação das forças fizeram com que tudo corresse na melhor harmonia até a conclusão das obras” (ALTMANN, 1991, p. 167).

Stahlschmidt (1994, p. 26-27), em relação à construção do colégio, afirma que “foram anos de intensa atividade espontânea para a angariação de fundos para a



expansão do colégio”. O cronista dá dois adjetivos à palavra atividade: intensa e espontânea. Este revela o espírito comunitário do autor, enquanto aquele engrandece a atividade dedicada à escola. No mesmo sentido, o cronista afirma ter mantido vínculo com a escola por mais de 50 anos, através de atividades da diretoria da entidade mantenedora, o que revela também o seu espírito comunitário.

O espírito comunitário da população também é ressaltado por Richter, ao afirmar que “Em cada novo núcleo de colonização que surgia, entre as poucas casas edificadas em pleno mato, mais uma era imediatamente erguida, em regime de mutirão, que era a escola da comunidade” (1994, p. 31). Encontram-se unidos, neste exemplo, o espírito comunitário e a preocupação com a educação.

Esse envolvimento na educação reaparece em outra passagem, e é, segundo o autor, resultado do empenho dos imigrantes e seus descendentes:

De acordo com um dado estatístico de 1924, a percentagem de analfabetismo nas colônias alemãs dos municípios de Estrela, Lajeado, São Leopoldo e Santa Cruz era de apenas 7%, enquanto que, na mesma época, a proporção de analfabetos em todo país atingia 25% (RICHTER, 1994, p. 32)<sup>29</sup>.

A relação entre a população do Vale do Taquari e a educação aparece no Editorial publicado pelo jornal ‘O Informativo’, em 26 de junho de 1971. Nesse texto, discute-se a questão do ensino e cita-se o Colégio Estadual Presidente Castelo Branco, de Lajeado, como um modelo: “O Castelinho é a realidade educacional de nossa região. Está integrado no desenvolvimento autêntico, coerente e harmonizado do plano educacional, visando todos os alunos e o aluno todo” (Jornal O Informativo, 26/06/71, p. 02).

Stahlschmidt (1994) também faz referência à educação no Vale do Taquari. Ele afirma que “Vamos focar a situação do ensino, o que é muito importante para podermos aquilatar o desenvolvimento grande, com reflexo favorável para toda a região. Tudo o que está aí hoje foi trabalho árduo e de entusiasmo, por longas décadas” (p. 26).

---

<sup>29</sup> Das colônias alemãs citadas pelo autor, Estrela e Lajeado fazem parte da região do Vale do Taquari.

Neste caso, o ensino é adjetivado de importante. Não só, pois se acrescenta o advérbio de intensidade “muito” para aumentar o seu grau de importância. Esse mesmo ensino possui a finalidade de “aquilatar o desenvolvimento grande”. Não é qualquer desenvolvimento, pois se utiliza o adjetivo “grande” para falar dele, além de usar o verbo aquilatar. Esse verbo remete à atividade do joalheiro, que determina os quilates de uma jóia. Mesmo o verbo usado no sentido figurado, com o sentido de avaliar o desenvolvimento do ensino, mantém a idéia do quilate das jóias. A constatação a que se chega é que o cronista quis atribuir uma importância especial ao ensino quando estabeleceu uma relação com aquilatar.

Esse mesmo ensino, comparado a uma jóia, é que deu um reflexo favorável à região do Vale do Taquari. Fala-se aqui de toda a região, isto é, não de uma ou outra escola do Vale do Taquari, e sim da qualidade do ensino de todas elas. Além disso, aparece um elogio ao povo que promoveu esse ensino de qualidade na região, pois foi esse o povo que trabalhou arduamente e entusiasticamente. A qualidade alcançada ocorreu, segundo o autor, não do dia para a noite, pois foi um trabalho demorado, pois as décadas estão adjetivadas com o termo “longas”.

Já em outra instância, na implantação do ensino superior na região do Vale do Taquari, a preocupação com a educação e o espírito comunitário da população são evidenciados por SCHIERHOLT (1995), quando recupera fatos e dados da implantação dos primeiros cursos superiores no Vale do Taquari. Além desse autor, reportagens do jornal ‘O Informativo’ fazem referência a essa atividade, tanto que o Editorial de 18 de maio de 1974 afirma que “... é no ensino superior que repousa o futuro da nossa gente e dele muito dependerá o progresso não só de Lajeado, mas de todo o Vale do Taquari” (p. 04).

Na apresentação da obra “Lajeado II: Apeuat – raízes do ensino superior”, de José Alfredo Schierholt, a professora Ione Maria Ghislene Bentz afirma que “o ano de 1964 marca a fundação da Associação Pró-Ensino Universitário no Alto Taquari – APEUAT, responsável pelo esforço que iria resultar na implantação do Ensino Superior do Vale do Taquari”. Essa breve abertura já denota que a implantação do ensino superior exigiu esforço, que veio das pessoas responsáveis pela causa, ou seja, pessoas do Vale do Taquari.

Na seqüência, a professora afirma: “lideraram-na pessoas de idéias arrojadas e de invejável capacidade de trabalho, pessoas que ousaram sonhar e, a serviço desse sonho, colocaram seu saber, prestígio e vigor”. Nessa descrição evidenciam-se algumas características positivas em relação às pessoas do Vale do Taquari: eram líderes, possuíam idéias arrojadas e invejável capacidade de trabalho, eram sábias, vigorosas e de prestígio. Além disso, aparecem o verbo “sonhar” e o substantivo “sonho”, o que significa que essas pessoas conseguiram partir do não-real, que é o sonho, para a realização desse sonho.

Foi assim que trabalharam aqueles que lutaram pela implantação do Ensino Superior no Vale do Taquari. Anteciparam-se...vislumbraram, com lucidez, o significado concreto desse empreendimento, permitindo que toda uma região participasse das mudanças que estavam por vir, não como meros espectadores, mas como sujeitos de seu processo histórico (SHIERHOLDT, 1995, apresentação de Ione M. G. Bentz).

O que se percebe nessa parte da apresentação é o uso de verbos carregados de força: “trabalhar” e “lutar”. Ao lado deles, aparece uma idéia aparentemente contraditória, pois as pessoas “vislumbraram, com lucidez”, uma vez que vislumbrar, além de ver ao longe, tem a ver com imaginação. Só que tudo isso aconteceu em estado lúcido, que é trazido à tona com o uso do adjetivo “concreto” em relação ao empreendimento. Percebe-se também a presença do espírito comunitário das pessoas da região, que é intensificado pelo uso de “toda uma região” e pelo verbo “participar”. Por fim, a população do Vale do Taquari também é vista como gente atuante, pois não ficou como mera espectadora, já que atuou na construção de seu processo histórico.

Ao final dessa apresentação, afirma-se que as pessoas envolvidas na implantação do ensino superior “buscaram parcerias externas, organizaram as lideranças locais e chamaram ao trabalho os recursos humanos disponíveis, com o objetivo de fortalecer uma idéia que o futuro confirmaria exitosa”.

Os agentes que lideraram o início do ensino superior no Vale do Taquari servem como sujeitos a verbos com carga semântica ativa: buscar, organizar e chamar, o que remete à ação, ao trabalho. Essas pessoas também saíram do local,

no caso o Vale do Taquari, para buscar parceiras externas; o externo compreendido aqui como fora da região do Vale do Taquari.

Terminada a apresentação da obra, Schierholt (1995) afirma: “os movimentos em prol do ensino superior [...] sempre envolveram lideranças comunitárias e o poder público municipal” e “a história registra que os representantes do povo na Câmara de Vereadores foram também sensíveis às aspirações da comunidade, abraçaram a causa universitária como um todo, votando sempre por unanimidade” (p. 07).

O que se percebe nessa passagem é que o envolvimento da comunidade é reforçado pelo uso do advérbio sempre, que é repetido na segunda sentença citada. Pode-se dizer que os poderes Executivo e Legislativo de Lajeado estavam ao lado do povo, uma vez que o texto mostra o espírito comunitário e a força comum em favor de uma causa.

Outro ponto a destacar é que o embrião do ensino universitário no Vale do Taquari surge dentro de um espírito comunitário, pois “a idéia e os primeiros passos para se estabelecer no Vale do Taquari o ensino universitário surgiram na Associação dos ex-alunos Maristas de Lajeado” (SCHIERHOLT, 1995, p. 07). A seguir, em tom de discurso o autor afirma que um curso superior em Lajeado visaria “exclusivamente à elevação cultural da juventude lajeadense e ao progresso educacional da região” (p. 09).

Quando o autor fala das dificuldades da implantação do ensino superior na região aparece uma população que não se deixa vencer pelas dificuldades, pois “os pioneiros não desistiram” (p. 11). Até porque “lideranças empresariais e políticos também manifestaram seu apoio ao movimento” (p. 11), o que denota união em torno da causa comum.

Da mesma forma, uma reportagem publicada no jornal ‘O Informativo’ faz referência às atividades em desenvolvimento no *campus* universitário. Há um elogio aos pioneiros idealizadores do ensino superior na região e uma preocupação com a educação no Vale do Taquari:

... não se poderá fugir à conclusão de que o trabalho sério e idealista de um grupo de líderes de nossa comunidade, está superando todas as expectativas e está a merecer um voto de confiança e um amplo apoio das autoridades e das lideranças do Alto Taquari. Mais de mil alunos em 1974 constituirão uma força admirável no processo de desenvolvimento educacional desta região (Jornal O Informativo, 08/12/1973, p. 10).

Por ocasião da aprovação de recursos por parte do poder público municipal e de empresas para a implantação do ensino superior, o autor tece um elogio aos políticos e empresários: “O fato reflete bem o espírito maduro dos líderes políticos e empresários, sabendo investir, há mais de 30 anos, no ensino universitário, para melhor qualificar os recursos humanos do município e região” (p. 12).

Palavras como “apoio” e “colaboração” figuram em torno da idéia da implantação do ensino superior no Vale do Taquari:

Dr. Ney Santos Arruda e o Irmão Félix N. Slaviero enviaram correspondência ao Governador do Estado, aos prefeitos e presidentes das Câmaras de Vereadores, a empresas e educandários do 2º Grau do Vale do Taquari, solicitando apoio e colaboração para a nova e grande idéia que estava sendo posta em prática (SCHIERHOLT, 1995, p. 12-13).

Essa união em função de uma causa comum é revelada pelo uso de termos como “comunidade” e “união de forças”, conforme aparece na seqüência:

Se a primeira preocupação foi conscientizar a comunidade para que unisse forças no sentido de carrear recursos para manter uma Faculdade, outra iniciativa precisava ser tomada: a fundação de uma entidade mantenedora dos cursos superiores (SHIERHOLDT, 1995, p. 15).

As pessoas envolvidas no projeto não tinham medo do trabalho, e tampouco de influências externas, pois “o entusiasmo foi contagiante. O grupo de trabalho arregaçou as mangas e aos poucos foi sendo montado o expediente da criação da Associação Pró-Ensino Superior no Alto Taquari e da Faculdade de Ciências Contábeis” (p. 16) e “O período conturbado que o Brasil estava vivendo em nada influiu nos ânimos dos que procuravam assentar as bases do ensino universitário no Vale do Taquari” (p. 17).

Percebe-se que os líderes do movimento buscavam trabalhar em favor de toda uma região, pois “foram elaborados [...] dezenas de ofícios para prefeitos municipais da região” em busca de apoio para o ensino universitário. Na seqüência, novamente aparece a união de esforços por uma causa: “... além da conjugação de esforços dos poderes executivos e legislativo de Lajeado, diversas empresas locais tomaram sobre si pesados encargos financeiros em prol dos cursos universitários” (p. 17).

“Foi no sábado de 6 de junho de 1964 que se reuniram professores, empresários, profissionais liberais e autoridades civis e religiosas do Vale do Taquari e de fora da região” (p. 19) para criar a Associação Pró-Ensino Universitário no Alto Taquari – APEUAT. Por ocasião desse encontro, durante os discursos dos poderes executivo, legislativo e eclesiástico, foram enunciadas frases perpassadas por expressões que denotam o espírito comunitário de uma região, tais como:

a) A iniciativa merece todo o apoio e amparo do poder público; b) O prefeito igualmente interpretou o sentimento de todos os prefeitos da região; c) O bispo diocesano enalteceu os altos objetivos da APEUAT, congratulando-se com o povo do Vale do Taquari (SCHIERHOLT, 1995, p. 19).

O aspecto regional da APEUAT encontra-se reforçado nas palavras do autor: “estavam presentes ainda os prefeitos de Arroio do Meio, Cruzeiro do Sul e Roca Sales que atenderam o convite, dando caráter regional à entidade” (p. 19). Também numa reportagem sobre a campanha de doação de livros percebe-se o aspecto regional da instituição:

Mas não é só Lajeado, quem deve arcar com as responsabilidades, pois no momento em que as coisas passam a ser do Vale do Taquari, toda a região precisa sentir-se responsável. O Ensino Superior Regional é o grande passo para a integração do Alto Taquari para a solução de seus problemas como um todo... (Jornal O Informativo, 26/10/1974, p. 04).

Em outra reportagem, quando anos mais tarde a instituição passava por problemas financeiros, percebe-se que o ensino superior mantém-se fortemente vinculado à região do Vale do Taquari: “...ou a região abraça o ensino superior ou desiste dele. [...] É uma entidade que exigiu muito esforço por parte de pessoas ligadas ao ensino da região” (Jornal O Informativo, 03/11/79, p. 10).

O espírito de cooperação em favor do ensino universitário aparece também quando Schierholt (1995) afirma que “a câmara de vereadores [...] solidarizou-se com o movimento e reafirmou a disposição em colaborar com o movimento” (p. 19) e que “enquanto a comunidade, poder público e empresas arregimentavam forças, os membros da diretoria se reuniam quase todos os dias” (p. 21).

O trabalho dessas pessoas, segundo o autor, está registrado em documentos: “os documentos existentes nos arquivos provam a dedicação e lutas enfrentadas pelos líderes pioneiros” (p. 26). Pela descrição, ocorre um elogio a essas pessoas, pois são descritas com atributos positivos, como dedicação, luta e pioneirismo.

Sobre a construção do primeiro prédio para abrigar os cursos superiores no Vale do Taquari, a reportagem do Jornal ‘O Informativo’ revela o espírito de cooperação dos que lutaram pela instalação da faculdade, pois “Estão de parabéns autoridades, os estudantes, as empresas, as escolas e o povo em geral” (22/01/72, p. 03). Em outra passagem da mesma reportagem, em tom de discurso, essa união é reiterada: “Parar é morrer: ou crescemos juntos ou estagnamos e perecemos abraçados. Nos tempos que correm, o Eu e o Tu contam muito pouco, porque hoje se pensa em termos de Nós. A corrente é tão forte quanto é o seu elo mais fraco” (22/01/1972, p. 03).

Por ocasião da vistoria técnica para a implantação da faculdade, o perito de Ensino Superior do Ministério da Educação deixou no Livro de Atas o seguinte manifesto: “O que mais me impressiona no projeto, e do nosso ponto de vista, este é o ponto altamente positivo, é o interesse e o empenho da comunidade na instalação da Faculdade” (p. 28). O que se percebe na recuperação dessa informação é que o espírito comunitário da população do Vale do Taquari é percebido e afirmado por alguém de fora da região. Esse dado pode ser relacionado a outro que o autor do livro apresenta, que também revela uma região com espírito comunitário, pois para a construção do prédio da faculdade “podia contar com [...] empresas desta região” (p. 27).

Em outra oportunidade, o autor deixa transparecer outra característica da população do Vale do Taquari, que é a preocupação com a educação. Isso se percebe quando é feita uma pesquisa para saber quais eram os desejos da

população quanto ao curso superior a ser implantado: “... em torno de 70% dos entrevistados preferiam cursos voltados para o magistério, o que espelhava uma necessidade social dos municípios do Vale do Taquari” (p. 36).

A preocupação com a educação encontra-se descrita em outra passagem:

A vinda de uma equipe de técnicos da Universidade de Caxias do Sul para assessorar pesquisa com o objetivo de diagnosticar a realidade e a necessidade social da região surpreendentemente chegara à conclusão de que o curso preferido pela futura clientela era um curso superior para a formação de professores (SCHIERHOLT, 1995, p. 37).

Por ocasião da primeira aula magna do curso universitário na região, no discurso do prof. Ney Arruda, encontra-se a seguinte passagem: “Fundamos a APEUAT com um grupo de trabalho incendiado pelo entusiasmo, acordado na população, nos impulsos da mocidade e dos homens de liderança desta terra” (p. 46). Aparece aqui um elogio à população, pois nela há homens de liderança, além do espírito comunitário dessa população, pois nada foi feito sozinho, e sim, com um grupo de trabalho.

Schierholt (1995) reafirma o trabalho comunitário das pessoas do Vale do Taquari:

Envolver toda a comunidade, através do poder público, irmanando Executivo e Legislativo de todos os municípios da região, para abraçar a causa universitária com caráter regional, era o objetivo principal [...] dos principais líderes da implantação do ensino universitário no Vale do Taquari (p. 79).

No epílogo do livro “Lajeado II: Apeuat – raízes do ensino superior”, o autor tece, em tom laudatório, um discurso de homenagem àqueles que iniciaram o movimento de implantação do ensino superior no Vale do Taquari:

Poder-se-ia chamá-los de um bando de heróis, os pioneiros do ensino superior no Vale do Taquari. Fizeram tudo o que estava ao seu alcance, com o maior idealismo, sem receber qualquer tipo de pagamento pelo trabalho desenvolvido. Apelaram a tudo e a todos. Envolveram a comunidade. Exigiram atendimento da classe política. Mobilizaram o



empresariado. Literalmente, brigaram para conseguir a instalação dos cursos universitários em Lajeado e na região (SCHIERHOLT, 1995, p. 119).

Em relação a esses pioneiros, ocorre uma descrição semelhante na crônica “O Ensino” de Erny Stahlschmidt, quando afirma que

Sem dúvida nenhuma, notável iniciativa partiu de um grupo de entusiastas, [...] que conseguiram fundar a nossa hoje valorosa FATES – Fundação Alto Taquari de Ensino Superior <sup>30</sup>– e o que veio completar uma lacuna que existia e que favorece não só a Lajeado, como a toda a região do Vale do Taquari, atraindo alunos para cursos universitários (STAHLSCHMIDT, 1994, p. 27).

Primeiramente as pessoas que trabalharam para a implantação do ensino superior são nomeadas de entusiastas, a iniciativa é adjetivada de notável e, a Fates, de valorosa. São todos atributos positivos para as pessoas e a educação. Igualmente, a importância da educação está presente, pois o início do ensino superior na região completou uma lacuna que existia no Vale do Taquari. Essa importância é marcada pela expressão “sem dúvida nenhuma”.

Na seqüência, afirma, em relação à causa da educação, que “... devemos sempre estar prontos para ajudar as iniciativas que surgirem” (p. 27). Percebe-se que o uso do advérbio “sempre” revela um entusiasmo pelo assunto, além de a frase mostrar a cooperação das pessoas em torno da educação.

Uma reportagem do jornal ‘O Informativo’ trata do assunto de maneira muito semelhante, pois também valoriza o ensino superior na região do Vale do Taquari:

Os estudos superiores aqui arduamente introduzidos são motivo de orgulho, júbilo e alegria. A este propósito, desejamos que mais homens de autêntica liderança venham a colher, na experiência desta realização, toda a inspiração, para que afinal chegue a todos o estudo superior de que alguns já estão desfrutando (Jornal O Informativo, 06/03/71, p. 02).

Também na área da saúde, o espírito comunitário da população da região do Vale do Taquari se evidencia. Stahlschmidt (1994, p. 56) afirma que os que

<sup>30</sup> A Associação Pró-Ensino Universitário no Alto Taquari – APEUAT, fundada em 1964, foi transformada em Fundação Alto Taquari de Ensino Superior – FATES em 1972, que, por sua vez, foi transformada em Fundação Vale do Taquari de Educação e Desenvolvimento Social – FUVATES, em 2000. Esta fundação é a mantenedora do Centro Universitário UNIVATES.

fundaram o hospital que atende a toda a região foram “Homens de valor e intenção voluntária”. Esse mesmo hospital recebe a seguinte definição: “Foi um grande avanço para o conforto e atendimento à população da cidade e da região, destacando-se este hospital entre as grandes e boas organizações existentes em nosso Estado” (p. 56). A idéia é reforçada em reportagem do jornal ‘O Informativo’, em 29 de junho de 1985, cujo título sentencia que o Hospital Bruno Born é o melhor equipado e o que está servido de melhor corpo clínico de toda a região.

Ainda em relação à construção de hospitais na região, Richter (1994) enfatiza o esforço comunitário da população em tais empreendimentos, pois “... os hospitais de Lajeado, Marques de Souza, Santa Clara e Conventos, todos foram construídos em épocas em que o governo, pelo menos nesta região, nada fazia em tal sentido” (p. 35). Por isso o empenho das comunidades era tão importante, conforme entrevista concedida por Schierholt:

... no que se refere à saúde, a luta pela organização de suas, de seus hospitais, trazer médicos pra cá, apoiá-los, se não houvesse médicos formados pelas nossas universidades, então vinham médicos de fora, especialmente da Alemanha e que eram apoiados e que eram distinguidos pelas nossas comunidades (SCHIERHOLT, p. 02).

A crônica que resgata a construção das Câmaras Mortuárias em Lajeado apresenta a seguinte introdução: “É justo lembrar o fato de que a propriedade do antigo Lajeado Tênis Clube, por uma elogiável sugestão do esportista Eugênio Almiro Schmidt, foi doada em benefício da construção das Câmaras Mortuárias” (Stahlschmidt, 1994, p. 68). As atitudes do povo são vistas positivamente, pois o autor atribuiu o adjetivo louvável à sugestão dada pelo esportista.

Além disso, na mesma crônica, para a fundação de uma sociedade de condução fúnebre, um grupo de amigos se uniu e tudo foi conseguido, segundo o autor, graças à cooperação. O que se revela também, neste caso, é o espírito comunitário das pessoas.

Também para a construção do Instituto Médico Legal - IML, o espírito de cooperação do povo pode ser percebido pelo uso de alguns termos no editorial publicado no jornal ‘O Informativo’ de 30 de dezembro de 1989. Nesse texto,

aparecem palavras como empenho, dedicação, grupo de pessoas, aliança, mutirão, desprendimento, participação, cooperação. “Uma obra feita assim, com muitas mãos, tem um sabor diferente, pois resulta de um só sentimento: o de ajudar a sua comunidade a crescer e modernizar-se” (p. 02).

Na parte final do mesmo texto, afirma-se: “coisa que poderia se fazer em termos nacionais para ajudar o novo governo que vem aí a dar um país novo para todos nós. Pode ser até difícil, mas certamente, não será impossível” (O Informativo, 30/12/1989, p. 02). Essa afirmação deixa transparecer que, aquilo que se faz na região do Vale do Taquari deveria servir de modelo ao país, por causa do espírito comunitário da população desta região.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao se discutir o conceito de região ou estudar uma região propriamente dita, a primeira relação que se estabelece é com o conceito de paisagem. No entanto, à medida que a discussão avança, percebe-se que, para falar de região, alia-se a essa paisagem a presença e a ação do elemento humano. Tem-se, portanto, conforme defende Santos (2002), a formação de um espaço. Tanto é que, se numa determinada região, por exemplo, eliminássemos toda presença humana, o que antes era o espaço tornar-se-ia, com a eliminação, apenas paisagem.

De maneira semelhante, pode-se relacionar a discussão sobre uma região às conexões entre lugar e espaço, pois, novamente, um espaço sem o elemento humano seria apenas um lugar. Na região do Vale do Taquari tem-se um vale formado por um rio, o que seria apenas um lugar ou uma paisagem. No entanto, nesta região, tem-se a ocupação de povos indígenas, e depois colonizadores açorianos, alemães e italianos, e seus descendentes, o que transforma o lugar ou a paisagem em espaço.

Se relacionarmos a região do Vale do Taquari ao conceito de região, pode-se dizer que nessa relação há uma conotação política, pois a configuração dessa região é resultado de um ato legal do governo estadual. No entanto, há que se considerar que, para essa região assim configurar-se, levou-se em conta um critério da paisagem: a bacia hidrográfica do rio Taquari, presente no próprio nome: região do Vale do Taquari.

Ainda em relação à região, é preciso considerar os critérios que são utilizados para a configuração dos espaços regionais. Dentro de uma região, dependendo dos critérios utilizados, têm-se diferentes configurações. Se levarmos em conta o elemento étnico, por exemplo, teremos, dentro do Vale do Taquari, uma região ocupada e colonizada por açorianos, outra por alemães e uma terceira por italianos. Também nessa região, se pensarmos em elementos da paisagem, existem planícies inundáveis e montanhas que se estendem ao planalto gaúcho. Dessa relação, pode-se concluir que, dentro da mesma região, dependendo dos critérios adotados, formam-se distintas fronteiras, ainda que permaneçamos dentro do mesmo território.

Pode-se ainda questionar se o tema da região é algo importante numa época de globalização da economia e de mundialização da cultura. Os estudiosos lidos para esta pesquisa defendem que o estudo e a discussão do regional continuam atuais, pois as questões regionais não perderam importância. Eles ainda defendem que a questão do regional está mais forte do que nunca, embora ainda haja alguns preconceitos contra a região, que a relacionam ao provincial e a um espaço fechado e delimitado por fronteiras.

A questão regional também ganha importância na discussão da identidade nacional, pois muitos teóricos do tema defendem que a constituição de uma nação passa pela junção das diferentes identidades regionais. Se pensarmos na identidade regional do Vale do Taquari, veremos que, apesar de haver diferenças do ponto de vista da paisagem (como os vales e as montanhas), e do ponto de vista da colonização (açorianos, alemães e italianos), essa região é constantemente evocada como um todo, numa clara oposição a outras regiões do Rio Grande do Sul.

Em relação à categoria paisagem, a partir dos textos analisados, pode-se dizer que ocorre um recorrente elogio ao Rio Taquari e seu vale. Essa visão positiva é percebida por meio do uso de adjetivos e das comparações do vale do Rio Taquari a outros vales reconhecidamente famosos por sua fertilidade, como o vale do Mississippi, nos Estados Unidos, e o do Rio Nilo, no Egito. O Rio Taquari também é visto como um elemento que foi e é fundamental para o desenvolvimento da região. Por meio dele os colonizadores ocuparam as terras às margens, onde atualmente estão as maiores cidades do Vale do Taquari.

Também as belezas da região são ressaltadas por sua paisagem, pois o rio é maravilhoso e os lugares por onde ele passa ficam mais bonitos. Ademais, chamam à atenção as belezas dos morros ocupados ainda por florestas e as planícies com as plantações. São os elementos naturais e a beleza deles que permite que se tenha, segundo os textos analisados, qualidade de vida e, inclusive, forças para libertar-se de sentimentos negativos.

Apenas não há uma visão positiva da paisagem quando se trata do desmatamento, da ocupação desordenada das margens do rio e da consequente poluição das águas. Igualmente quando ocorrem as enchentes, o rio é visto negativamente, pois as águas causam a destruição por onde passam.

Ainda em relação ao Rio Taquari, pode-se afirmar que ele é um elemento natural importante para os escritores desta região. Isso leva à conclusão de que ele não é apenas um elemento da paisagem, ele se transforma em elemento simbólico que identifica uma região. Essa idéia fica mais clara se retomarmos o que Schierholt afirma em sua entrevista: a instituição de ensino superior da região do Vale do Taquari deveria ter sido construída exatamente no meio do Rio Taquari, pois ela é uma instituição regional.

Em relação à segunda categoria, a de população, algumas considerações também podem ser tecidas. A primeira delas é a tênue presença do índio nos textos sobre o Vale do Taquari. Embora se saiba que a região era ocupada por povos indígenas (Shierholt, 1995), há apenas referência a esses povos em algumas poesias e nas lendas sobre a região. Fenômeno semelhante é apontado por Oliven (2006, p. 70) em relação à presença indígena no Rio Grande do Sul: “A presença do índio (também) é esmaecida na construção social da identidade do Rio Grande do Sul. [...] As pesquisas arqueológicas assinalam, entretanto, que o Rio Grande do Sul já era habitado há mais de 12.000 anos.”

Um segundo aspecto é que, tanto nos textos quanto nas entrevistas, a população da região é relacionada a sua origem étnica (açoriana, alemã e italiana) apenas quando se trata da história de colonização da região. Com o processo de miscigenação, contemporaneamente os autores não mais se referem à população levando em conta a origem étnica, apenas se referem à população do Vale do

Taquari, como se ela fosse uma nova etnia, o que é inclusive citado por um dos entrevistados.

Assim como a expressão *população do Vale do Taquari* (grifos meus) nomeia a todos os habitantes da região, sem haver distinção de origem étnica, segundo Oliven (2006, p. 210), o termo *gaúcho* (grifos meus) abarca todos os habitantes do Rio Grande do Sul, inclusive os descendentes de alemães e italianos, e não somente os habitantes da Campanha onde o modelo gaúcho teve origem.

A essa população da região do Vale do Taquari que, segundo os textos analisados, é diferente da população de outras regiões, atribuem-se características positivas, como o empreendedorismo, a dedicação ao trabalho, a preocupação com a educação e, principalmente, o espírito comunitário. Estas duas últimas são amplamente citadas na maioria dos textos analisados. Em Altmann (1991), a relação entre o espírito comunitário e a preocupação com a educação aparece desde os tempos em que o autor era estudante, passando depois pela fase em que ele assume a direção de uma escola comunitária em Lajeado. Da mesma forma, Richter (1994) enfatiza a idéia de que em cada colônia que surgia, deveria haver uma escola, que era construída em regime de mutirão.

Já em outro nível, o do ensino superior – especialmente no que se refere a sua implantação – Schierholt (1995) enfoca a preocupação com a educação e o espírito comunitário para que os cursos superiores pudessem iniciar. Percebe-se que há união do poder público e do privado, de líderes de entidades sociais e de lideranças políticas em torno de uma causa comum.

A partir dessas considerações sobre as características da população do Vale do Taquari, pode-se retomar a idéia discutida por Bezzi (2004) em relação à identidade social da população de uma região. Conforme a autora, se vivemos em determinado espaço, esse espaço já nos identifica socialmente. Pode-se acrescentar que o oposto também ocorre, pois não só o espaço identifica a população, mas também a população identifica um espaço, como pode ser percebido na presente pesquisa.

Portanto, essa população identifica uma região, o Vale do Taquari. E o faz pelo seu espírito comunitário, principalmente quando atua na questão da educação, desde a construção da pequena escola comunitária no interior, passando pela constituição de escolas de Ensino Médio, até chegar à implantação e organização do ensino superior.

Com a presente pesquisa, pode-se afirmar que houve uma aproximação entre o pesquisador e a região do Vale do Taquari, por causa da ampliação do conhecimento sobre a região e dos municípios que a compõem. Além disso, ressalta-se também a valorização da cultura regional, pois as “leituras nativas de região” são textos que ainda não haviam sido estudados numa perspectiva de identificação das marcas de regionalidade, como a simbologia do Rio Taquari e a representação de população da região.

Enfim, cabe ressaltar que este foi apenas o início de um estudo, que poderá ser ampliado com outras publicações sobre a região e também a partir da análise de outras categorias. As “leituras nativas de região” poderão servir de *corpus* para um futuro doutorado em Análise de Discurso sobre o Vale do Taquari, uma vez que há ausência de determinadas categorias nos textos analisados (como religião e linguagem), o que poderá, por sua vez, ter um significado tão importante quanto as categorias que já foram estudadas.



## REFERÊNCIAS

Academia Literária do Vale do Taquari – ALIVAT (Org.). *Escritos/Escritores: Coletânea*. Lajeado: Univates, 2007.

ALTMANN, Friedhold. *A Roda: memórias de um professor*. São Leopoldo: Sinodal, 1991.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Trad. de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2000.

BEZZI, M. L. . Região: Desafios e Embates Contemporâneos. In: SEI - Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. (Org.). *Desigualdades Regionais - Série Estudos e Pesquisas*. 1 ed. Salvador/BA: Bigraf, 2004, v. 1, p. 39-87.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. de Fernando Tomaz. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. Trad. de Denise Bottmann, São Paulo: Companhia das Letras, 1989

CASTRO, Ina Elias de. A região como problema para Milton Santos. In: El ciudadano, la globalización y la geografía. Homenaje a Milton Santos. *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona, vol. VI, n. 124, ano 2002.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. v. 1 (artes de fazer) Trad. de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

CUNHA, Luiz Alexandre Gonçalves. Sobre o Conceito de Região. In: *Revista de História Regional*. Vol. 5, n. 2. Ponta Grossa, 2000 .

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FERRI, Gino. *História do Rio Taquari-Antas*. Encantado: Grafen, 1991.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida em 03 de dezembro de 2008. 03 p.

FONSECA, Antonio Ângelo Martins da. Em torno do conceito de Região. In: *Sitientibus*. N. 21, p. 89-100, Feira de Santana, jul./dez. 1999.

FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*. 7. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1996.

FROSI, Vitalina Maria & MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*. Porto Alegre: Movimento, 1975.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUPPES, Ivete (Org.). *O Vale do Taquari: sinais de uma identidade*. Lajeado: Univates, 2002.

Jornal 'O Informativo'. Edições de 08 de maio de 1970 a 12 de dezembro de 1989. Lajeado-RS

LEEUWEN, Oswaldo Carlos van. Entrevista concedida em 09 de dezembro de 2008. 03 p.

KLARMANN, Herbert. *Região e identidade regional: um estudo da espacialidade e representatividade regional no Vale do Rio Pardo*. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Regional – Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Santa Cruz do Sul, 1999.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

OLIVEN, Ruben. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*. 2. Ed. revista e ampliada. Petrópolis: Vozes, 2006.

ORTIZ, Renato. *Um outro território: ensaios sobre a mundialização*. 2. ed. São Paulo: Olho d'água, 1999

PAVIANI, Jayme. *Cultura, Humanismo & Globalização*. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2007.

\_\_\_\_\_. *Interdisciplinaridade: conceito e distinções*. Caxias do Sul: Educs, Porto Alegre: Edições Pyr, 2005.

Perfil Socioeconômico do Vale do Taquari, publicado pelo Banco de Dados Regional do Centro Universitário UNIVATES. Disponível em [www.univates.br/bdr](http://www.univates.br/bdr). Acesso em 09 de novembro de 2007.

POZENATO, José Clemente. *Processos Culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: Educs, 2003.

RICHTER, Waldemar L. *Nossas Origens*. Lajeado: W.L. Richter, 1994.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida em 05 de dezembro de 2008. 03 p.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Edusp, 2002.

\_\_\_\_\_. *O trabalho do geógrafo no terceiro mundo*. São Paulo: Hucitec, 1978.

\_\_\_\_\_. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.

SHIERHOLT, José Alfredo. *Lajeado I: Povoamento – Colonização – História Política*. Lajeado: Prefeitura Municipal, 1992.

\_\_\_\_\_. *Lajeado II: APEUAT – raízes do ensino superior*. Lajeado: J.A. Shierholt, 1995.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida em 02 de dezembro de 2008. 05 p.

STAHLSCHMIDT, Erny. *Vagando pelo Século*. Porto Alegre: Metrópole, 1994.